

# Educação Museal

experiências e narrativas

Prêmio Darcy Ribeiro 2012

# Educação museal: experiências e narrativas

Prêmio Darcy Ribeiro 2012

© 2023 Instituto Brasileiro de Museus

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons – Atribuição CC BY-SA, sendo permitida a reprodução parcial ou total, desde que mencionada a fonte, e desde que novos conteúdos criados a partir desta obra sejam licenciados sob termos idênticos.



## Governo Federal

### Presidente da República

Luís Inácio Lula da Silva

### Ministra da Cultura

Margareth Menezes da Purificação Costa

**ibram**  
instituto brasileiro de museus

### Presidenta

Fernanda Santana Rabello de Castro

### Diretora do Departamento de Processos Museais

Mirela Leite de Araújo

### Diretor do Departamento de Difusão, Fomento e Economia de Museus

Joel Santana da Gama

### Diretora do Departamento de Planejamento e Gestão Interna

Maria Angélica Gonsalves Correa

### Coordenador-Geral de Sistemas de Informação Museal

Dalton Lopes Martins

## Unidade Responsável pela publicação

Departamento de Processos Museais

## Coordenação de Museologia Social e Educação

Marielle Costa Gonçalves (coordenadora)

### Divisão de Educação

Dalva Oliveira de Paula

Joana Regattieri Adam

Vivian de Oliveira Cobucci (chefe substituta)

### Divisão de Museologia Social

Felipe Evangelista Andrade Silva

Juliana Vilar Ramalho Ramos

Raquel Fuscaldi Martins Teixeira (chefe)

### Apoio administrativo

Fabiana Alves Sousa de Andrade

Danilo Alves de Brito

### Estagiário

Vinicius Martins Oliveira

## Ficha Técnica

### Organização

Marielle Costa Gonçalves

Joana Regattieri Adam

Renata Silva Almendra

### Revisão técnica

Dalva Oliveira de Paula

Joana Regattieri Adam

Juliana Vilar Ramalho Ramos

Marielle Costa Gonçalves

Renata Silva Almendra

Vitor Rogério Oliveira Rocha

Vivian de Oliveira Cobucci

### Revisão dos textos

Carmem Cecília Camatari Galvão de Menezes

### Projeto gráfico e diagramação

Simone Kimura

### Caligrafia da capa

Maria Clara Cobucci Silva

I59 Instituto Brasileiro de Museus.  
Educação museal : experiências e narrativas / Instituto Brasileiro de Museus. –  
Brasília, DF : IBRAM, 2023.  
164p. (Prêmio Darcy Ribeiro 2012)

ISBN: 978-65-88734-09-4

1. Museus. 2. Educação museal. I. Prêmio Darcy Ribeiro. II. Título.

CDD 069.07

# Sumário

Prefácio 7

Apresentação 9

Marielle Costa Gonçalves

Momento patrimônio 14

Patricia Gueller Vivian

Centro Cultural São Paulo, lugar de liberdade e exercício de cidadania cultural 23

Adriane Bertini e equipe

O museu solidário e as mulheres nas cooperativas de catadores de “lixo” 35

Flávia Biondo da Silva

Ofícios do século XX 45

Temia Wehrmann

Cléa Hempe

Vozes da Mata: uma experiência de memória e narrativa 54

Aline Cântia Corrêa Miguel

Reavivando o patrimônio na terra das artes: o projeto Descobrimdo Embu no Museu 68

Angélica Brito Silva

Eron Matheus Bitencourt

Programa formação de público no Museu da Energia de Itu **80**

Ana Paula Sbrissa

Fernanda Cristina de Morais

Ação educativa museal como crítica social por meio da arte **95**

Madeleine de Mello Fontoura

Susana Tebaldi Toledo

Casa de chão batido: representação da história dos caboclos do oeste de Santa Catarina **104**

Neiva Maria Angst Lermen

Fernanda Ben

Márcio L. Rodrigues

Luiz Fernando Ferrari

Sala dos Pomares: experiências em arte contemporânea e sua contribuição educativa **118**

Maria Margarita Santi Kremer

Yuri Alexander Figueiredo Flores Machado

Por uma identidade: memórias de Washington Luís em Batatais **127**

Alessandra Baltazar

Fronteiras **140**

Alessandra Baltazar

Os pequeninos e a interação patrimonial, material e imaterial: ação educativa férias no museu casa do poeta Lindolf Bell **154**

Sibele Fischer Miguel

Agradecimentos às autoras e autores dos artigos que compõem esta edição do Caderno Educação Museal – experiências e narrativas do Prêmio Darcy Ribeiro, e às instituições museais que colaboraram generosamente com a presente publicação.

**NOTA:**

Todos os artigos e imagens que compõem esta publicação são de inteira responsabilidade dos autores. Alguns termos e conceitos utilizados nos textos podem não refletir as perspectivas teóricas ou posicionamentos políticos adotados por este Instituto Brasileiro de Museus.

# Prefácio

O *Caderno Educação Museal: experiências e narrativas*, série de publicações do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), reúne e apresenta diversas práticas educativas museais selecionadas e contempladas nas edições do Prêmio Darcy Ribeiro. O Prêmio tem por finalidade reconhecer e incentivar programas, projetos e ações desenvolvidos por museus brasileiros e que expressam metodologias e propósitos da educação museal, sobretudo aqueles considerados inovadores e que apresentam impactos sociais positivos e transformadores.

Com o primeiro edital lançado em 2008, o Prêmio Darcy Ribeiro foi criado por iniciativa do extinto Departamento de Museus e Centros Culturais (Demu) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), seguido pelo Instituto Brasileiro de Museus na sua ação, a partir da sua criação em 2009 como responsável pela implementação da Política Nacional de Museus (PNM). Até o presente momento, foram promovidos oito editais do Prêmio Darcy Ribeiro – 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2015, 2019 e 2021 –, que premiaram os primeiros colocados em dinheiro e concederam menções honrosas a outras iniciativas selecionadas. As comissões de seleção de cada edital contam com profissionais de notório saber e de reconhecida atuação no campo da educação museal no Brasil, garantindo a qualidade e a atualização constantes dos critérios de avaliação e seleção do Prêmio Darcy Ribeiro.

Os cadernos *Educação Museal: experiências e narrativas* contribuem na qualificação técnica e profissional do setor museal brasileiro e na implementação da Política Nacional de Educação Museal (PNEM), desdobramento da PNM no campo da educação. Por meio de artigos de autoria dos profissionais dos museus e instituições que tiveram projetos educativos contemplados no Prêmio Darcy Ribeiro, as edições do *Caderno* visam ampliar o conhecimento de boas práticas em educação museal, permitindo estabelecer referências positivas para as experiências educativas de outras instituições e inspirar o desenvolvimento de

alternativas e soluções para a superação de dificuldades comuns entre museus e instituições culturais.

Das oito premiações realizadas, foram publicadas três edições do *Caderno Educação Museal: experiências e narrativas* referentes aos anos 2008, 2009 e 2010 do Prêmio Darcy Ribeiro, integralmente disponibilizadas no site do Ibram e que podem ser acessadas em: <<https://antigo.museus.gov.br/educacao-museal-experiencias-e-narrativas-premios-darcy-ribeiro/>>.

No momento em que as orientações sanitárias de afastamento social implementadas como medida de contenção diante da expansão da pandemia de Covid-19 em que diversas restrições impactaram diretamente o funcionamento dos museus no Brasil e no mundo, torna-se ainda mais relevante a ampla disponibilização de materiais, digitais e impressos, que ofereçam informações sobre o campo museal, como as publicações do *Caderno Educação Museal: experiências e narrativas*. Ressalta-se a premente necessidade de troca de experiências e conhecimentos sobre as práticas em educação museal em nosso país, cujos profissionais foram especialmente atingidos com reduções salariais, perdas de postos de trabalho e adaptações emergenciais às interações virtuais com os públicos, evidenciando a importância e o papel de destaque que os educativos de museus possuem.

O Ibram, ao dar continuidade às publicações do *Caderno Educação Museal: experiências e narrativas*, relativas às cinco últimas edições do Prêmio Darcy Ribeiro – 2011, 2012, 2015, 2019 e 2021 –, visa contribuir com a preservação e a disseminação dos registros e das narrativas sobre as práticas educativas nos museus brasileiros, bem como com a melhoria da qualidade da educação no país, convidando educadores de museus e sociedade em geral a conhecer, por meio de textos e imagens, as experiências contempladas no Prêmio Darcy Ribeiro de Educação Museal e a participar de seus próximos editais.

**Fernanda Castro**

Presidenta do Instituto Brasileiro de Museus

# Apresentação

Marielle Costa Gonçalves<sup>1</sup>

Entrelaçar, tramar, entramar, fiar, confiar: assim se tece. A urdidura, por mais perfeita que seja, é ainda matéria prima. Para atender ao propósito final, dela se fazem tecidos que não passam de pedaços, mas que, quando costurados, são abrigo, beleza, expressão, criação.

É a vivência da costura que permite reconhecer o potencial dos diferentes tecidos, suas qualidades, as combinações possíveis, os instrumentos adequados a cada gramatura, os diversos caimentos.

Processos educativos são tecidos a muitas mãos, mentes e corações: assim se traduz a formação integral na prática, em que a diversidade das vivências humanas se converte em desenvolvimento e evolução. O Prêmio Darcy Ribeiro tem sido, ao longo dos anos, uma pequena vitrine da alfaiataria laboriosa e bem acabada que os museus brasileiros engendram em sua costura cotidiana.

Desde 2008, o Prêmio Darcy Ribeiro nos permite conhecer e prestigiar projetos e ações que expressam metodologias e propósitos da educação museal. Criado pelo extinto Departamento de Museus e Centros Culturais (Demu) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a partir de 2010 o Prêmio Darcy Ribeiro passou a ser realizado pelo Instituto Brasileiro de Museus, autarquia criada para instrumentalizar a implementação da Política Nacional de Museus por meio da promoção de programas e ações, entre outras atribuições regimentais.

---

<sup>1</sup> Técnica em Assuntos Educacionais. Coordenação de Museologia Social e Educação. Divisão de Educação - Instituto Brasileiro de Museus.

A 5ª edição do Prêmio Darcy Ribeiro atesta o fortalecimento da iniciativa por meio do maior número de projetos premiados desde 2008. E, para confirmar 2012 como um ano auspicioso para o campo museológico, foi lançado, durante o 5º Fórum Nacional de Museus, o Programa Nacional de Educação Museal que deu origem à Política Nacional de Educação Museal. Costura reforçada!

O Edital de 2012 manteve os parâmetros estabelecidos nas premiações anteriores: o caráter inovador e criativo do projeto, a sua acessibilidade, a possibilidade de multiplicar e estender as ações a novos públicos e localidades e a descentralização geográfica por meio de pontuação, um artifício necessário à democratização e representatividade nacional do Prêmio Darcy Ribeiro. Como ação associada, foi demandada, como requisito, a inscrição dos museus participantes no Cadastro Nacional de Museus.

Foram 19 os projetos contemplados na edição 2012 do Prêmio Darcy Ribeiro, sendo 15 premiados e quatro menções honrosas. A presente publicação traz 13 artigos recebidos dos responsáveis pelos projetos, entre premiados e menções honrosas, que são representativos do panorama oferecido pelo Edital em 2012. Uma bela cortina de telas bordadas onde se veem trabalhadores, crianças, ecologia, memórias, política, causos, estação de trem, arte, guerra e brasilidade. Os artigos aqui apresentados darão ao leitor a oportunidade de conhecer as tramas e as cores próprias de cada projeto e de se encantar com os seus propósitos.

Imagine se sentir convidado pelo Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann e Wegermann (MAHP), assim como foram os alunos e professores da cidade de Panambi, a conhecer mais sobre ofícios característicos do século XX e refletir sobre os impactos que sofreram em função de inovações tecnológicas? Você já pensou sobre o quanto tem ou não contato com costureiras, sapateiros, oleiros?

O projeto “Museu solidário e as mulheres nas cooperativas de catadores de ‘lixo’”, conduzido pelo Museu Zoobotânico Augusto Ruschi (Muzar), do Instituto de Ciências Biológicas (ICB), da Universidade de Passo Fundo (UPF) nos convida a perceber a importância da reciclagem. O trabalho de triagem foi compartilhado entre a equipe do museu e cooperativas de reciclagem que realizam a coleta seletiva na universidade, gerando uma exposição itinerante, culminância de uma aprendizagem profunda sobre tudo o que a reciclagem envolve.

Todo museu quer ir aonde seu público está. Assim, por meio do Programa Formação de Público, o Museu da Energia de Itu apresentou-se ao diverso público escolar do município, como partícipe do processo de formação cidadã e agente na construção da identidade cultural dos alunos. O Centro Cultural São Paulo, na abordagem do projeto “Centro Cultural, seu próprio”, também se preocupa em se aproximar de seus públicos e estimular o senso de identidade, reconhecimento e pertencimento.

Aqui estão também projetos que inspiram o fortalecimento de identidades e convidam ao mergulho em memórias integradoras, constituidoras da cidadania.

Com o projeto “Casa de chão batido: representações da história dos caboclos do Oeste de Santa Catarina”, o Museu Histórico de Pinhalzinho apresentou, aos alunos de educação básica do município, a história, os costumes, a cultura e o modo de vida dos caboclos.

Em “Por uma identidade: memórias de Washington Luís em Batatais”, proposta de exposição, intervenção urbana e atividades extramuros são os meios pelos quais foi abordada a história de Washington Luís e sua atuação em Batatais, na área política, na social, na cultural e na econômica.

“Descobrimos Embu no Museu” é uma ação educativa do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas, cuja finalidade é aproximar a comunidade do patrimônio existente no município de Embu das Artes/SP por meio da valorização da cultura e da criação de vínculos com sua história.

Dirigida a crianças e jovens do ensino fundamental, a ação educativa desenvolvida no Museu de Arte de Montenegro, na cidade de Montenegro/RS, estimulou o reconhecimento do Patrimônio Histórico e Cultural do município, uma vez que o Museu está localizado no Prédio Restaurado da antiga Estação Férrea.

A ação educativa “Fronteiras”, elaborada pela equipe do Centro de Documentação da II Guerra Mundial Capitã Enfermeira da FEB Altamira Pereira Valadares, em Batatais/SP, convida à reflexão, integrando criação artística, guerras e memória.

O projeto “Sons e Memórias que contam histórias” promoveu pesquisa, registro e difundiu a memória coletiva de municípios da região da Zona da Mata de Minas Gerais, por meio da arte de narrar.

O Museu Histórico Regional (MHR) de Passo Fundo/RS traz o projeto “Momento patrimônio” e nos oferece a oportunidade de aferir a relevância do Prêmio Darcy Ribeiro para o fortalecimento de uma ação que, ao longo dos anos, se ampliou e se tornou referência nos debates relativos à preservação do Patrimônio da Cidade de Passo Fundo.

O Programa Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos desenvolveu um projeto que abrange experiências em arte contemporânea e vem sendo aprimorado ao longo dos anos. Promove edições semestrais do Curso de Formação Continuada em Artes, realiza a distribuição gratuita do material educativo disponibilizado nas escolas públicas e privadas e mantém visitas mediadas às exposições realizadas na Sala dos Pomares, atendendo públicos diversos.

A cada alinhavo, vemos mais diversa, firme e brasileira a educação museal manifestada em nossos museus.



**Museu Histórico Regional  
(MHR) de Passo Fundo**

# Momento patrimônio

Patricia Gueller Vivian<sup>1</sup>

**Resumo:** O Museu Histórico Regional (MHR) de Passo Fundo/RS foi contemplado no ano de 2012 com o valor de R\$ 10.000,00, proveniente do Prêmio Darcy Ribeiro do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), contando com o apoio do Ministério da Cultura (MinC). A instituição museal concorreu com o projeto Momento Patrimônio, que se configurou em programas televisivos, nos quais foram realizados debates acerca da preservação do patrimônio da Cidade de Passo Fundo em suas diversas tipologias.

**Palavras-chave:** Museu Histórico Regional; Prêmio Darcy Ribeiro; Momento patrimônio.

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em História pela Universidade de Passo Fundo, atualmente atua como funcionária Administrativa do Museu Histórico Regional e do Museu de Artes Visuais Ruth Schneider.

O Museu Histórico Regional (MHR) de Passo Fundo/RS foi contemplado, no ano de 2012, com o valor de R\$ 10.000,00, proveniente do Prêmio Darcy Ribeiro do Instituto Brasileiro de Museu (Ibram), contando com o apoio do Ministério da Cultura (MinC). A instituição museal concorreu com o projeto "Momento Patrimônio", que se configura em programas televisivos, nos quais eram realizados debates acerca da preservação do patrimônio da cidade de Passo Fundo, em suas diversas tipologias. A cada programa debatia-se uma temática referente a uma tipologia de patrimônio. A mesa de debate era composta por representantes do poder público, do museu proponente do projeto, da Universidade de Passo Fundo (UPF) e dos locais de gravação que eram predefinidos de acordo com a temática do programa.

A importância de tratarmos dessa temática vai ao encontro do público, para que ele possa identificar essas possibilidades de reconhecimento do patrimônio histórico, cultural e ambiental na sua infância, pois acreditamos que tal sensibilização / conscientização se dá de forma mais significativa nessa faixa etária, da mesma maneira que aproxima o MHR da comunidade.

O valor recebido com a premiação foi aplicado em ações que contemplavam a questão central do projeto: o patrimônio histórico da cidade de Passo Fundo. As atividades elaboradas buscavam discutir, de forma lúdica, a preservação do patrimônio histórico, uma vez que compreendemos que a preservação de determinado bem somente será possível se houver a conscientização, e mais eficaz será se tal processo de compreensão da importância histórica patrimonial se iniciar na infância.

Assim, para subsidiar o projeto, a Coordenadora do Museu no período da submissão, Tania Aimi, buscou a parceria com o curso de história da Universidade de Passo Fundo, tendo as professoras Gizele Zanotto e Ironita A. P. Machado como organizadoras do livro *Momento patrimônio* (vol. II). Tal publicação, lançada em novembro de 2013 na Feira do Livro de Passo Fundo, aborda a temática em suas diversas tipologias, mostrando diferentes fundamentos e métodos de trabalhar com patrimônio cultural em sala de aula.

O período que compreendeu os meses de julho/2013 a novembro/2013 foi para elaboração dos textos por parte dos autores do livro *Momento patrimônio*

(vol. II), bem como fez-se a edição, a revisão e a diagramação dele. O livro foi lançado no mês de novembro na Feira do Livro de Passo Fundo, tendo como objetivo possibilitar, por meio de fundamentação teórica articulada com iconografias, entre outros documentos, a compreensão acerca das “memórias, histórias e identidades” do município de Passo Fundo. O livro foi assim organizado:

Apresentação: Patrimônio e Identidade Regional, de Ana Luiza Setti Reckziegel;

- **Capítulo 1:** Patrimônio histórico e modernização: Espaço Cultural Roseli Doleski Pretto e Estação Férrea da *gare* – Eduardo Roberto Jordão Knack;
- **Capítulo 2:** Monumentos dos (i)migrantes em Passo Fundo – Rosane Márcia Neumann;
- **Capítulo 3:** Lugar de passagem: toponímia e patrimônio – Fernando Borgmann Severo de Miranda e Ironita Policarpo Machado;
- **Capítulo 4:** Memórias de comércio e de ofícios em Passo Fundo – João Carlos Tedesco;
- **Capítulo 5:** Espaços sagrados e uma vida de iniciações – Gizele Zanotto;
- **Capítulo 6:** A estatuária missioneira: entre o valor religioso e o patrimonial – Jaqueline Ahlert;
- **Capítulo 7:** Patrimônio material em Passo Fundo: história construída na paisagem – Ana Paula Wickert e Nino Roberto Schleder Machado;
- **Capítulo 8:** Metodologia da educação patrimonial e o ensino de história – Ironita Policarpo Machado;
- **Texto final:** memórias, histórias e identidades – Gizele Zanotto.

Também foram produzidos: jogo da memória do Patrimônio Histórico de Passo Fundo; encarte de atividades; *folder pocket* MHR- informativo.

O jogo da memória é composto por 36 cartas, sendo que 12 apresentam fotos atuais de prédios históricos ou ruas da cidade e outras 12 apresentam fotos antigas desses mesmos prédios e ruas. Para efetuarem o par, deve-se relacionar a foto antiga com a atual, instigando, assim, o jogador a perceber as

permanências e rupturas do processo histórico no qual a cidade está inserida, possibilitando a compreensão do significado de tal edificação/lugar, evidenciando a importância de sua preservação.



Foto 1: Material produzido pelo projeto: jogo da memória.

Houve também a produção de encarte composto por quatro atividades diferentes, distribuídas em uma folha em formato A3, as quais são destacáveis: um labirinto; complete o desenho; caça-palavras; e charadinhas.



Foto 2: Material produzido pelo projeto: Labirinto.

Sendo assim, os recursos foram empregados em diversas atividades que buscavam, a partir de diferentes linguagens e suportes, trabalhar a temática patrimonial, fomentando, assim, a discussão acerca de sua preservação. Outro fator importante de salientar é que, ao fazermos uso de diferentes métodos de debate – seja programas televisivos, livro ou atividades lúdicas –, democratizamos o acesso ao conhecimento no que tange ao patrimônio histórico, cultural e ambiental da cidade de Passo Fundo, pois atingem a diversidade de grupos da comunidade passo-fundense.

Percebemos que, no decorrer das atividades com o material educativo, ministradas pelos estagiários do MHR, as crianças identificavam pontos da cidade pelos quais passavam diariamente, mas cuja história não conheciam, tomando consciência desses espaços a partir do momento em que a brincadeira era desenvolvida. Nesse sentido, no momento em que se significa algo para a criança, é possibilitada a compreensão e, conseqüentemente, desenvolve-se o sentimento de pertencimento, um dos fatores principais para se preservar, guardar e atribuir importância, nesse caso ao patrimônio histórico, cultural e ambiental.

Dessa forma, entende-se que as ações realizadas e os resultados são apenas o começo de uma caminhada, no sentido de aproximação com a comunidade local, bem como cumprindo seus objetivos de preservação do(s) patrimônio(s) da cidade e região, onde as pessoas possam identificar e pensar o local em que vivem.

Fonte das imagens apresentadas no artigo: Fundação Universidade de Passo Fundo.

## Referências bibliográficas

BESSEGATTO, Mauri Luiz. *O patrimônio em sala de aula: fragmentos de ações educativas*. 2. ed. Porto Alegre: Evangraf, 2004.

BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1998.

CHOAY, François. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade/UNESP, 2001.

- FÉLIX, Loiva Otero. *História & memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.
- GOLIN, Tau. “Identidade gentílica e capital simbólico”. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). *Passo Fundo, sua história*. Passo Fundo: Méritos, 2007.
- HORTA, M. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999.
- ITAQUI, José; VILLAGRÁN, Maria Angélica. *Educação patrimonial: a experiência da quarta colônia*. Santa Maria: Pallotti, 1998.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MANIQUE, Antônio Pedro; PROENÇA, Maria Cândida. *Didática da história: Patrimônio e história local*. Lisboa: Texto Editora, 1994.
- MACHADO, Ironita P.; SILVA, Adriana F. “A cidade na história e a história na cidade”. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). *Passo Fundo, sua história*. Passo Fundo: Méritos, 2007.
- MEIRA, Ana Lúcia Goelzer. *O passado no futuro das cidades: políticas públicas e participação dos cidadãos na preservação do patrimônio cultural de Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- MILDER, Saul Eduardo Seiguer; SOARES, Fernanda Codevilla (Coord.). *Educação patrimonial: perspectivas*. Santa Maria: UFSM, 2005.
- MIRANDA, Fernando B. Severo de; MACHADO, Ironita A. P. *Passo Fundo: presentes da memória*. Rio de Janeiro: MM Comunicações, 2005.
- ORIÁ, Ricardo. “Memória e ensino de História”. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 128-148.
- PADRÓS, E. S. (Org.). *Ensino de história: formação de professores e cotidiano escolar*. Porto Alegre: EST, 2002.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu e o ensino de História*. Chapecó: Argos, 2004.
- RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BARBOSA, Marcia Helena Saldanha (Coords.). *Leitura, identidade e patrimônio cultural*. Passo Fundo: UPF, 2004.
- SILVA, Nery Luiz Auler da. *Arquitetura rural do Planalto Médio: século XIX*. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2004.
- TEDESCO, João Carlos (Org.). *Usos de memória*. Passo Fundo: UPF, 2002.

TEDESCO, João Carlos. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDIUCS, 2004.

WAIHRICH, Lorena Postal. *Arquitetura urbana de Passo Fundo (1865-1965)*. Passo Fundo: Berthier, 2007.

WICKERT, Ana Paula. *Linha 15: patrimônio, memória e cultura*. Passo Fundo: UPF, 2004.

WICKERT, Ana Paula. “A cultura da (não) preservação do patrimônio histórico em Passo Fundo”. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). *Passo Fundo, sua história*. Passo Fundo: Méritos, 2007.

Cidade grande  
Tempo curto

O QUE  
VOCÊ  
ESCUTA?

Centro Cultural São Paulo



# Centro Cultural São Paulo, lugar de liberdade e exercício de cidadania cultural

Adriane Bertini e equipe<sup>1</sup>

**Resumo:** Reflexão a partir do projeto “Centro Cultural, seu próprio”, premiado pelo Prêmio Darcy Ribeiro 2012, seus desdobramentos, ações atuais de mediação e a vocação do Centro Cultural São Paulo (CCSP), instituição cultural pública plural, diversa, democrática e agregadora.

**Palavras-chave:** Centro Cultural São Paulo; cultura; diversidade; mediação; arte; cidadania cultural.

---

<sup>1</sup> Atua como gestora cultural, *designer* e ilustradora. Formou-se em artes visuais pela Universidade Estadual Paulista, é técnica em *design* gráfico formada pelo Senac e especialista em Gestão Cultural formada pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc. Coordena a equipe de Ação Cultural do Centro Cultural São Paulo desde 2017.

*“É preciso ter confiança renovada na natureza e, em seu seio, reencontrar os caminhos de vida, fora dos quais ninguém poderá construir de forma útil.”*

Célestin Freinet

Passados sete anos da realização do projeto “Centro Cultural, seu próprio”, selecionado pelo prêmio Darcy Ribeiro 2012/Ibram, que teve como objetivo conhecer e tanger noções de identidade, reconhecimento e pertencimento a partir de um trabalho mais próximo com os públicos do Centro Cultural São Paulo (CCSP), percebemos que a ocupação do CCSP é ainda mais viva e diversa. Os frequentadores, que chegam para dançar, estudar, passear, produzir trabalhos artísticos, conviver ou apenas descansar, encontram um lugar seguro e de liberdade, onde desejos e expectativas são acolhidos por uma arquitetura aberta, jardins, áreas de convivência e programação transversal em diversas linguagens. Percursos livres e múltiplos para fruição artística são possíveis. Além da possibilidade de troca, desenvolvimento e elaboração de repertórios culturais, simbólicos e artísticos individuais e coletivos.

A partir da ocupação única do CCSP, feita por públicos que, além de fruir a programação, desejam também desenvolver seus projetos culturais e, por meio de escuta institucional sensível, novos lugares de trocas foram abertos. A Folhetaria, inaugurada em 2015, é um ateliê público de arte impressa, em que os frequentadores podem desenvolver seus projetos artísticos com acompanhamento técnico feito por coletivos de artistas selecionados por meio de um edital público.

Além da Folhetaria, a instituição possui um Laboratório Fotográfico, onde acontecem diversas oficinas relacionadas à fotografia analógica e o Laboratório Sonoro, no qual frequentadores podem desenvolver e experimentar projetos artísticos como programas de rádio e *podcasts*.

Todo ano acontece a Feira Folhetaria de Arte Impressa, que extroverte os trabalhos artísticos desenvolvidos pelos frequentadores dos ateliês e também apresenta programação com ações desenvolvidas pelos projetos selecionados nos editais “Folhetaria – ateliê aberto” e “Edital de mediação em arte e cidadania cultural”.



**Foto 1:** Intervenção performática do projeto de mediação Corpo Paisagem, durante a Feira Folhetaria de Arte Impressa.

Por meio do projeto “CCSP + Comunidades”, a Supervisão de Ação Cultural do CCSP convida alunas e professoras de escolas públicas e privadas a trocarem repertórios diversos a partir de visitas mediadas no Centro Cultural São Paulo. Por meio dessa experiência, os participantes têm a possibilidade de conhecer o CCSP, aproximando-se dos nossos acervos, das nossas equipes, dos nossos públicos e das nossas programações. As visitas mediadas são atividades colaborativas conduzidas por um educador que propõem um diálogo entre o público e o CCSP.

Essa ação busca propiciar ambiente de construção conjunta de conhecimento em que são realizadas conversas, atividades artísticas e oficinas nos diversos espaços do CCSP. As visitas podem ser adaptadas de acordo com o perfil

e o interesse de cada público. Elas são gratuitas e pensadas para grupos diversos de até 25 pessoas. São atendidas, no máximo, 45 pessoas por dia.



Fotos 2 e 3: Visita mediada à horta comunitária do CCSP.

Percebendo várias microatividades que surgem espontaneamente nos espaços de convívio, como diversos estilos de práticas corporais, foi lançado, em 2018, o Edital de Práticas de Cuidados com o Corpo e a Mente, que seleciona orientadores para práticas abertas que estimulam o bem-estar físico e mental para públicos de qualquer idade. Rodas de dança, ioga e diversas modalidades de meditação acontecem em áreas de convivência regularmente.



Foto 4: Aula de ioga no jardim.

O CCSP pode ser visto como um “laboratório da cidade”, onde os frequentadores exercitam cidadania cultural, convívio coletivo, troca de saberes, repertórios e diversas experiências que foram construídas a partir da história de cada pessoa. Nesse sentido, interessa, à instituição, a articulação de parcerias com coletivos que sejam singulares e proponham atividades que fomentem esse tipo de experiência, como o grupo de voluntárias que faz a manutenção da Horta Comunitária (espaço de formação sobre questões de agricultura urbana, autonomia alimentar e sustentabilidade), a Oficina Mão na Roda (coletivo de cicloativistas que ensina frequentadores a consertarem suas bicicletas e oferece programação de conversas sobre mobilidade urbana e sustentabilidade), Equipe de Base Warmis (coletivo de mulheres imigrantes que participa da programação institucional propondo encontros e debates sobre questões feministas e ligadas à imigração).



Foto 5: Deriva do projeto de mediação Deslocamentos Sonoros na Horta Comunitária.

## Edital de Mediação em Arte e Cidadania Cultural

O Edital de Mediação em Arte e Cidadania Cultural, articulado a partir da proposta do “Centro Cultural, seu próprio”, é importante ação dentro da programação da Supervisão de Ação Cultural atualmente. O objetivo do Edital é abrir brechas institucionais para propostas de artistas-mediadores que provoquem fricção entre o público, a programação institucional, ateliês e acervos.

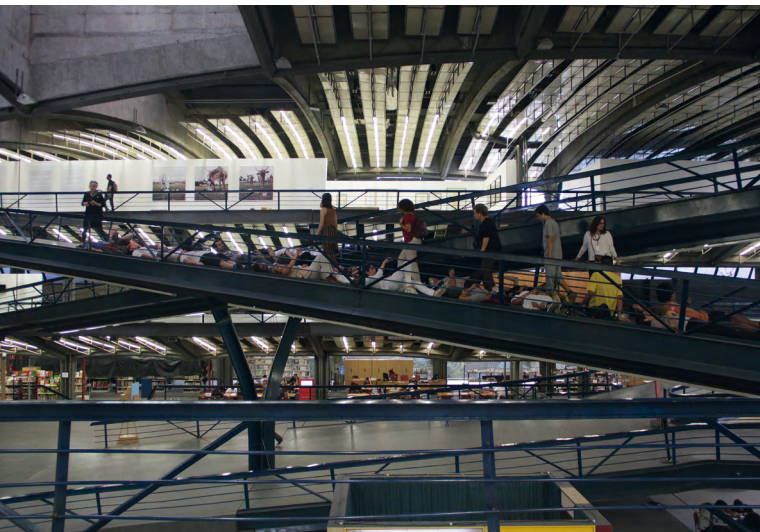
Lançado em 2011, está na sua 7ª edição e visa promover a criação e o desenvolvimento de projetos nas linguagens de artes visuais, dança, música, literatura, cinema, teatro, *performance*, agroecologia, mobilidade urbana, sustentabilidade e acessibilidade, ou projetos interdisciplinares propondo articulações com a programação do CCSP, de modo a mediar diálogos dos públicos com

acervos, espetáculos de música e teatro, exposições e outras atividades já oferecidas como a Folhetaria, o Laboratório Fotográfico, o Laboratório Sonoro, a Oficina Mão na Roda e a Horta Comunitária.

A cada edição são selecionados dois projetos, e as ações são criadas e desenvolvidas regularmente por um período de seis meses.

O Edital fomenta transversalidade e experimentação de linguagens, além de estimular debates no campo da cultura, da arte e da educação e produzir material referencial de mediação cultural, contribuindo para estudos nessa área.

Na sexta edição (2017) foram selecionados os projetos “Deslocamentos Sonoros”, do Coletivo Teatro Dodecafônico, e “Cartografias (IN)visíveis”, de Laís Trovarelli, Lucas Corbucci e Vinicius Albano. Os projetos foram desenvolvidos de setembro de 2017 a abril de 2018.



**Foto 6:** Deslocamentos sonoros – Coletivo Teatro Dodecafônico.



**Foto 7:** Cartografias (IN)visíveis – Laís Trovarelli, Lucas Corbucci e Vinicius Albano.

“Deslocamentos Sonoros” propôs experiências de deriva para que os visitantes explorassem múltiplas maneiras de fruir os lugares (acervos, exposições, áreas de convivência, ateliês) do CCSP, experimentando outros caminhos em ambientes conhecidos. Por meio de atividades mediadas por integrantes do Coletivo Teatro Dodecafônico, o público participou do processo de criação de quatro *audiotours* – Biblioteca para Caminhar; Arquitetura Feminista; Limites: entre o sensível e o político; e Passagem/Paisagem – para serem experimentados por toda e qualquer pessoa que visite o CCSP.

Proponente: Coletivo Teatro Dodecafônico (conjunto de artistas de várias áreas – teatro, música, *performance*, artes visuais, dança e arte sonora –, reunidos em torno da pesquisa de procedimentos para a criação artística contemporânea. As criações cênicas do Coletivo – formado em 2007 – inserem-se no

campo do teatro performativo. Desde 2014, o grupo pesquisa a intervenção e a *performance* urbana, a partir de ações que exploram o caminhar como prática estética e política.

“Cartografias (IN)visíveis” propôs um passeio cartográfico pelo CCSP. Foram criadas oito estações de conteúdo espalhadas por diversos pontos, contendo proposições criativas pensadas a partir da programação e de estímulos contidos em cada espaço (Bibliotecas, pisos expositivos, Folhetaria, jardins, Horta Comunitária, corredores).

Cada estação ofereceu um programa de ação a ser realizado, de modo que o visitante, com seu mapa em mãos, pudesse escolher e criar o seu próprio fluxo para acessar as caixas das diferentes estações.

Semanalmente, na estação Ponto Zero (localizada no *Foyer* do CCSP), ao longo de três horas, foram abertas as caixas com os materiais artísticos gerados pelo público. Por meio de uma *performance* de abertura de urnas, eram devolvidos aos visitantes os olhares e experiências de outros frequentadores a partir do que acontece no CCSP. Assim, foi criado um jogo de experimentações artístico-performáticas entre a combinação de um material e um jeito de apresentá-lo.

Proponentes: Laís Trovarelli, Lucas Corbucci e Vinícius Albano de Sousa.

Os projetos contam com facilitação, acompanhamento e registro da Supervisão de Ação Cultural do CCSP. Ao final dos projetos realizados na sexta edição do edital, por iniciativa da Supervisão de Ação Cultural, foram publicados dois Cadernos, um de cada projeto, como forma de registro dos processos. Os Cadernos contaram com um texto reflexivo de Augusto Sampaio, que fez parte da comissão de seleção e acompanhamento dos projetos, bem como de registros escritos e imagens elaborados pelos proponentes por meio dos quais compartilham com o público a experiência de ocupar o CCSP e os muitos atravessamentos criativos construídos ao longo dessa jornada, de dentro pra fora, de fora pra dentro.

Em 2019, na sétima edição do edital, os projetos são “Corpo e paisagem”, que busca mediar a investigação e a experimentação de práticas corporais

performativas que coloquem em relação o corpo e a paisagem, visando extrapolar o vínculo cotidiano para encontrar novos modos de apropriação do tempo e do espaço das paisagens do CCSP.

Proponente: Laila Padovan, artista, bailarina e *performer* experiente em criações Site-Specific, Intervenções Urbanas, ocupação de espaços não convencionais e criações de novas relações com o público.



Foto 8: Corpo paisagem com Laila Padovan.

“Livro-Vivo” é um ateliê itinerante que visa organizar processos gráficos e artísticos de forma simples, precisa e acessível para a criação de livros-vivos para todas as idades, em especial para o público infantojuvenil (a partir de 6 anos). Cada espaço de instalação do ateliê evidencia uma tecnologia escolhida (processo gráfico), assim como cria diálogo com o espaço específico em que se estabelece, de forma que o público participante possa se aproximar e se apropriar da ferramenta livro (e do seu fazer) de maneira autônoma.

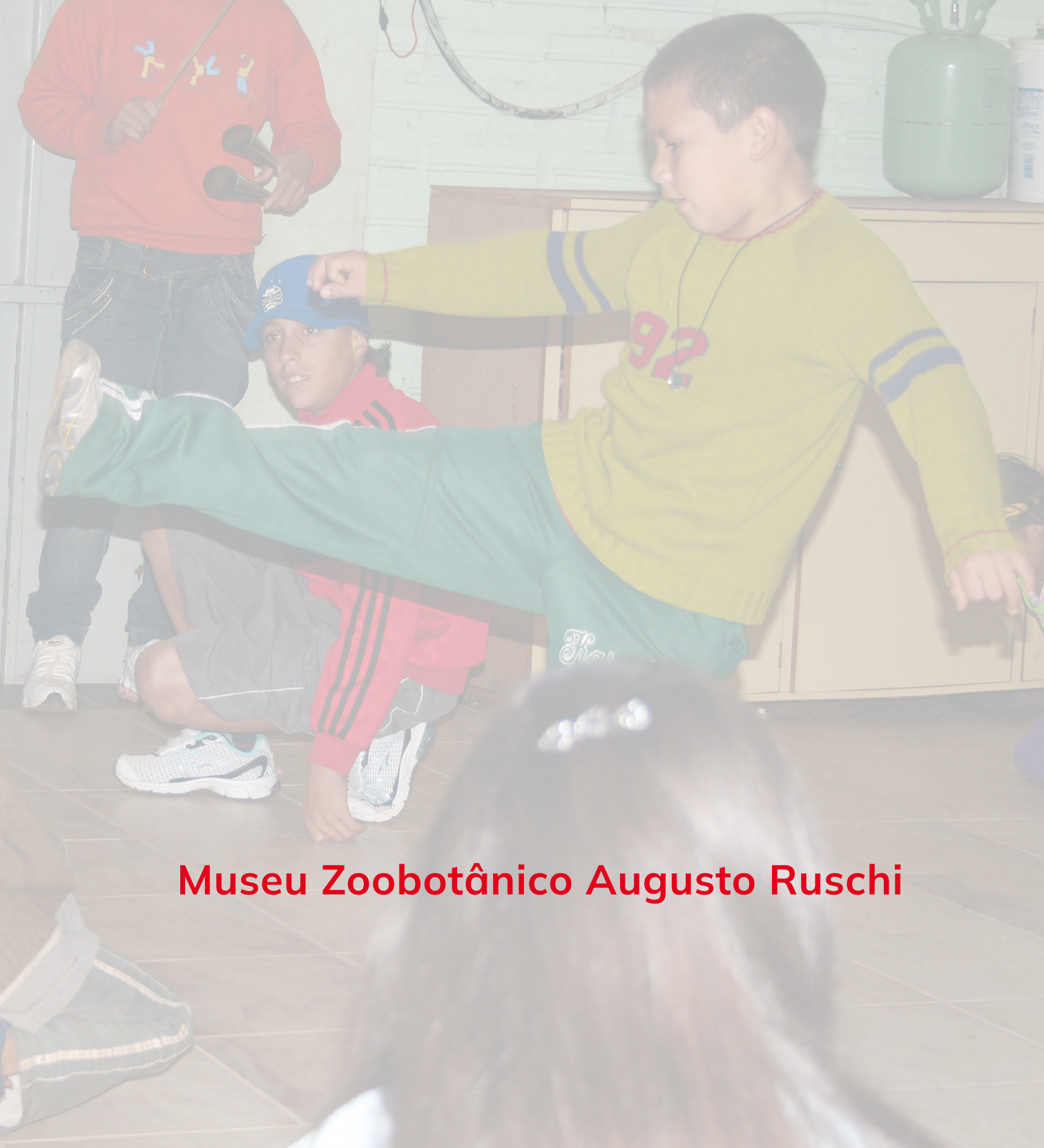
Proponentes: Ana Luísa Gonçalves Rodrigues, Liana Yuri Shimabukuro e Maria Carolina Sampaio de Araujo.



**Foto 9:** Livro-Vivo com Ana Luísa Gonçalves Rodrigues, Liana Yuri Shimabukuro e Maria Carolina Sampaio de Araújo.

Para além das ações apontadas acima, é diretriz institucional a diversidade de ocupação, o livre acesso para o público, e isso se reflete na programação elaborada pelas curadorias do CCSP. O conceito do projeto “Centro Cultural, seu próprio” refletiu a vocação da instituição que segue sendo plural, diversa, democrática e agregadora.

Fonte das imagens apresentadas no artigo: Acervo do Centro Cultural São Paulo.



**Museu Zoobotânico Augusto Ruschi**

# O museu solidário e as mulheres nas cooperativas de catadores de “lixo”

Flávia Biondo da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O projeto do Museu Zoobotânico Augusto Ruschi (Muzar) foi realizado durante a 5ª Primavera dos Museus - “Mulheres, Museus e Memórias” e consistiu na visita às cooperativas de reciclagem que realizam a coleta seletiva de resíduos sólidos na Universidade de Passo Fundo (UPF). O Muzar contribuiu com a exposição itinerante “Curiosidades da Natureza” que, na forma de oficina, apresentou curiosidades sobre a biodiversidade e oportunizou aos cooperativados e suas crianças o contato com o acervo do museu. Os colaboradores puderam aprender sobre a coleta seletiva, os diversos tipos de materiais recicláveis, vivenciaram o dia a dia dos trabalhadores e apreciaram as apresentações de capoeira realizadas pelas crianças, através do Projeto Transformação.

**Palavras-chave:** Museu Zoobotânico Augusto Ruschi; museu solidário; catadores; cooperativa; troca de saberes.

---

<sup>1</sup> Bióloga, mestre em Educação, técnica responsável do Museu Zoobotânico Augusto Ruschi do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de Passo Fundo.

## Identificação de grupo: diversidade na identidade e história

Cada cooperativa possui uma história relacionada aos seus integrantes, à trajetória de sua caminhada e ao bairro onde está organizada, ficando evidente a necessidade e a falta de opção de trabalho, as condicionantes de estarem trabalhando ali. A criação de uma identificação com o lugar faz que haja comodidade e segurança, saindo e retornando ou formando sucessão de gerações entre pais e filhos, dentro da cooperativa.

Para Cruz *et al.* (2012), a atividade dos catadores de lixo surgiu como estratégia de sobrevivência para aqueles que não apresentavam condições de escolaridade para conseguir um emprego reconhecido socialmente. Esses trabalhadores foram admitidos em 2002, pelo Ministério do Trabalho e Emprego, como categoria profissional – catadores de materiais recicláveis. Para o autor, as cooperativas foram a forma encontrada para grupos de catadores se organizarem como defesa contra a exclusão social e a indigência. Tais indivíduos buscam sua inserção na produção social por meio de trabalho autônomo, individual e coletivo. Assessoradas por instituições assistenciais, as cooperativas visitadas realizam sua própria gestão, vendendo seus recicláveis juntos para garantirem melhor valor, devido à maior quantidade de materiais segregados e acondicionados.

## O cuidado, a força e a delicadeza feminina

Nessas organizações, as mulheres são a maioria no quadro de trabalhadores. Realizam o trabalho minucioso da separação de resíduos com destreza, atenção e delicadeza, mostrando o quanto são fortes no manuseio e na compactação dos materiais. Mulheres guerreiras, mães, de diferentes idades e origens, que encontraram neste trabalho uma fonte de renda.

A marginalização do catador é visível na sociedade. Para Michelotti (2006), dada a generalizada rejeição social à sua forma de vida – que com frequência implica em viver na rua – e ao seu ofício – que requer estar em contato

permanente com o lixo -, o catador é vítima de um elevado grau de exclusão e está relegado às zonas mais “selvagens” da cartografia humana – isto é, às lixeiras, às ruas e aos guetos onde vende seus produtos a intermediários e aí, em certas ocasiões, inclusive habita. Assim, a mulher catadora acumula as representações sociais de marginalização do catador e da mulher, podendo sofrer todos os preconceitos e desrespeito da injustiça humana.



**Foto 1:** Cootraempo no início da manhã do Museu Solidário.

Mas, é na cooperativa que a mulher se empodera para enfrentar as mazelas que a sociedade impõe. Sendo reconhecido nessa experiência o enfrentamento da prostituição, da violência, do preconceito, da falta de habitação, da discriminação marginal urbana e socioeconômica.

As injustiças socioeconômicas estão enraizadas na estrutura político-econômica da sociedade e se expressam na exploração, privação e marginalização a que são e estão submetidos os grupos; e as injustiças culturais se dirigem a padrões sociais de representação, interpretação e comunicação tidos como consensos cristalizados, permeados por preconceitos que se expressam em formas de dominação cultural, não reconhecimento e desrespeito em representações públicas e/ou em interações cotidianas. Ambas as injustiças estão enraizadas em processos e práticas que sistematicamente valorizam alguns grupos em detrimento de outros (YAR, 2001 *apud* MICHELOTTI, F. C., 2006).



Foto 2: Cootraempo no final da tarde do Museu Solidário.



**Foto 3:** Rosmari Alves - a força da mulher e a delicadeza feminina se complementam. COOAMA.

### Doando tempo, esforço e trabalho: aprendendo muito

Ser solidário vai muito além de realizar ações sem esperar retorno, disponibilizar o seu tempo, esforço ou trabalho em prol de causas, pessoas ou problemas alheios, de forma voluntária: é reconhecer que a interdependência das engrenagens ecológicas são também sociais, porque, conforme Morin (2002), interdependências constituem relações circulares nas quais um satisfaz a necessidade do outro.

Quem aprendeu mais? Os próprios participantes declararam:

- Na verdade, eu não fazia ideia sobre o serviço de separação de resíduos: como era, quem trabalhava, o que era feito e como era a vida dos

trabalhadores. Devido ao projeto do Muzar, eu pude presenciar e aprender muito sobre a reciclagem. (Thays Guadagnin, acadêmica do curso de ciências biológicas e estagiária do Muzar);

- Notamos que elas estão organizadas em equipes com presidente, secretária, tesoureira e são muito *unidas*. São espontâneas e trabalham em um ritmo bem acelerado, tanto é que em seguida já fomos pra esteira e iniciamos a separação. A quantidade de lixo é chocante e na esteira é que conseguimos ter o *conhecimento* de como funciona a separação. (Vânia do Amarante, acadêmica do curso de Ciências Biológicas e estagiária do Muzar);
- O trabalho árduo realizado pelas pessoas nas cooperativas de segregação de resíduos se faz de *fundamental* importância a toda sociedade, uma vez que promove o reaproveitamento de materiais descartados e dessa forma, evita o desperdício e acúmulo de resíduos no ambiente. Vivenciei inúmeros sentimentos: alegria por poder ajudar e conhecer pessoas novas, inquietação por ver o descaso com estes trabalhadores que não recebem salário fixo (somente o dinheiro do material vendido), revolta por pensar que prestam um serviço enorme ao meio ambiente e à sociedade e que esta, por vezes, acaba lhes devolvendo em troca o lixo todo misturado e inaproveitável, como pode ser visto nos galpões. (Aline Schú, bióloga, funcionária do Muzar);
- Sempre soube que a vida dos catadores de lixo não é nenhum mar de rosas e pude perceber que na verdade é um “mar de lixo”. Admiro pessoas que conseguem tirar das *sobras* dos outros o seu próprio sustento. Isto é, sem dúvida nenhuma, uma enorme lição de vida. (Tanise Binda, acadêmica do curso de Ciências Biológicas e bolsista do Telecentro Muzar);
- Muito material que poderia ser reciclado é ‘perdido’ devido à falta de consciência da população que mistura material orgânico com material seco. A cada sacola que abríamos era uma nova surpresa e também mais indignação com uma sociedade que ainda não consegue separar seu lixo. Apesar de possuírem um olhar de certa forma triste, elas possuem também um grande sorriso no rosto, com o qual fomos recepcionados

muito bem. (Letícia Tassi, acadêmica do curso de Ciências Biológicas e bolsista do Telecentro Muzar);

- Percebi que, além do trabalho ser diretamente ambiental, há toda uma questão social atendida, principalmente com o *envolvimento* das escolas da região e a formação de seus alunos, demonstrando a importância das tarefas que a Coama desenvolve para a cidade. (Jonas Kilpp, acadêmico do curso de Ciências Biológicas e estagiário do Muzar)

O reconhecer que, na cooperativa de catadores de “lixo”, existe a sabedoria que a academia não ensina; que a presença no lugar e a surpresa do desconhecido pode sensibilizar para sempre; que a sobra de uns é fundamental para a sobrevivência de outros; e que a indignação encontra união e dá exemplo de envolvimento social e faz restaurar a consciência planetária citada como



Foto 4: O envolvimento dos colaboradores.

necessária para salvar o mundo, por Morin e Kern (2003), a vida portanto, nascida da Terra, é solidária da Terra. A vida é solidária da vida. Toda vida animal tem necessidade de bactérias, plantas, outros animais. A descoberta da solidariedade ecológica é uma grande e recente descoberta. Nenhum ser vivo, mesmo humano, pode libertar-se da biosfera.

A interdependência real foi expressa ao final da atividade pela senhora de mais idade cooperativada, Deonires de Fátima Monteiro: “esse grupo marcou a história da nossa cooperativa.”

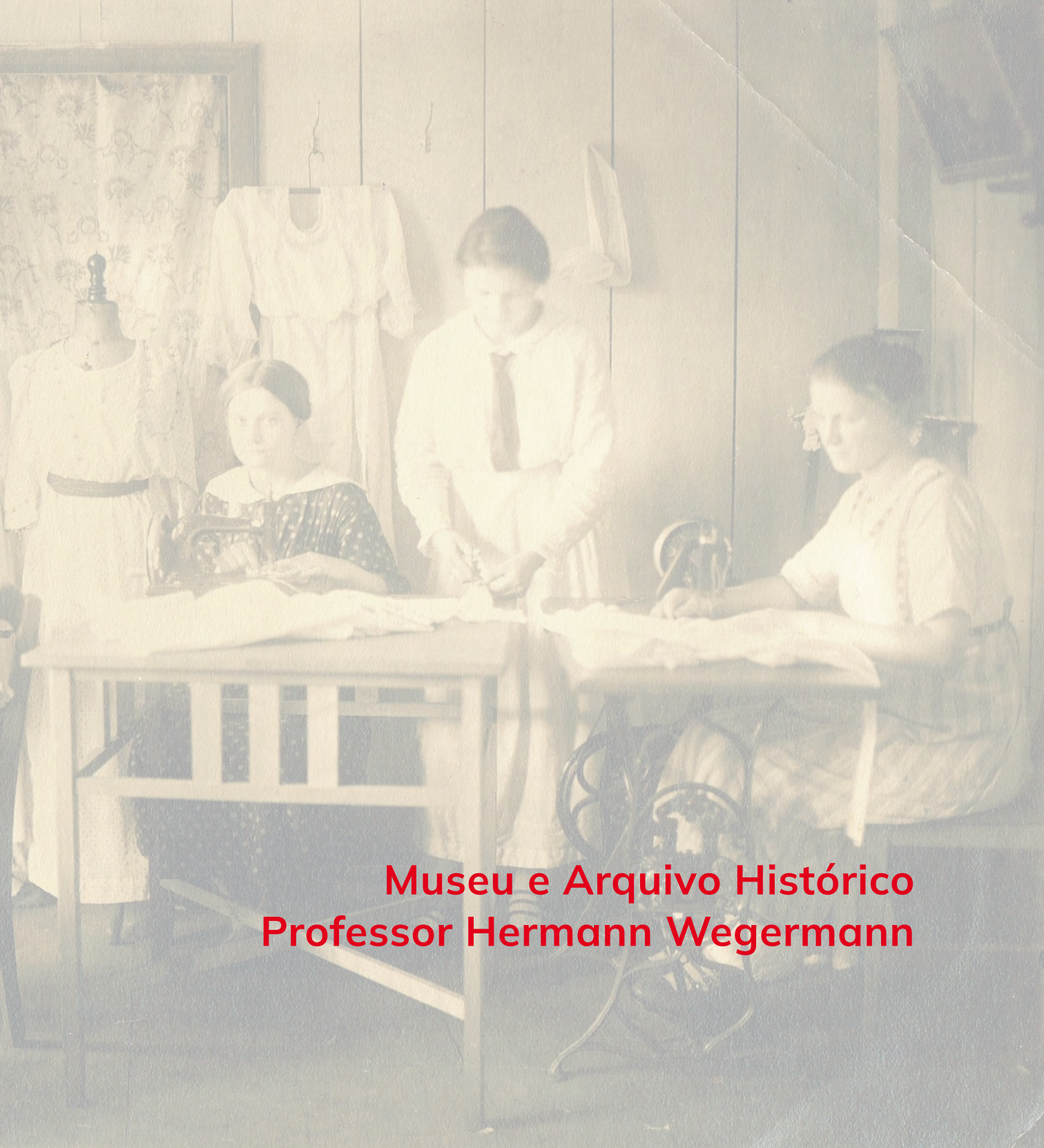


Foto 5: Crianças do Projeto Transformação encantaram os colaboradores com a capoeira.

Fonte das imagens apresentadas no artigo: Projeto Museu Solidário/Muzar/ICB/UPF

## Referências bibliográficas

- CRUZ, C. D.; VALDUGA, A. T.; BORGES, A. C. P.; VENQUIARUTO, L. D. “Um panorama dos catadores de materiais recicláveis organizados em cooperativas no município de Erechim/RS”. In: *Perspectiva*, v. 36, n. 135, p. 65-73, 2012.
- MICHELOTTI, F. C. *Catadores de “lixo que não é mais lixo”*: um estudo da dimensão do reconhecimento social a partir de sua experiência de organização coletiva no Rio Grande do Sul. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2006.
- MORIN, E. *O método 2: a vida da vida*. 2. ed. LOBO, Marina. Trad. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MORIN, E. e KERN, A. B. *Terra-pátria*. SILVA, Paulo Azevedo Neves da. Porto Alegre: Sulina, 2003.



**Museu e Arquivo Histórico  
Professor Hermann Wegermann**

# Ofícios do século XX

Temia Wehrmann<sup>1</sup>  
Cléa Hempe<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo relata a ação educativa “Ofícios do século XX”, que teve como objetivo despertar nos alunos e professores da Educação Básica do Município de Panambi, região e comunidade em geral, a importância dos diferentes ofícios que existiram no início do século XX (sapateiro, marceneiro, ferreiro, engraxate, barbeiro, alfaiate e costureira), e as mudanças tecnológicas que ocorreram ao longo do tempo, oportunizando ao público fazer uma relação entre o passado e o presente, traçando perspectivas para o futuro.

**Palavras-chave:** Ação Educativa; Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann Wegermann (MAHP); ofícios.

---

<sup>1</sup> Licenciada em História pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, especialista em Educação Especial pela Universidade Tuiuti do Paraná. Foi coordenadora do Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann e Wegermann de 2009 a 2016.

<sup>2</sup> Licenciada em Geografia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, especialista em Gestão e apoio pedagógico na Escola Básica, especialista em Mídias na educação, mestra em Geografia. Coordenadora do Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann e Wegermann a partir de 2017 aos dias atuais.

Os primeiros museus públicos, como instituições, surgiram nos séculos XVII e XVIII, como consequência do crescente interesse pela cultura e pelas ciências. No final do século XIX e início do século XX, a ênfase na educação que marcava os museus americanos começou a se disseminar também pela Europa. Os museus passaram a ser não só um lugar onde as pessoas têm um encontro com as conquistas passadas da humanidade, mas também com a realidade dos dias atuais. A partir da década de 1990, estes estreitam os laços com o mercado por meio de mecanismos destinados a promover o apoio e o patrocínio à cultura de empresas, bem como às leis de incentivo à cultura. Os museus, na atualidade, passaram a ser vistos e pensados de outras formas, ou seja, não sendo apenas um local de exposição de peças e, sim, como afirma Lourenço (1999), um espaço de experimentação e de ação educativa, por meio de atendimento às necessidades do público local e dos visitantes da região. Para Margarida Silva, em seu artigo “Museu e ação pedagógica: uma parceria de sucesso”, as ações educativas nos espaços museais podem ser entendidas como “as experimentações do sujeito para criar, construir e representar novos conhecimentos, aliado ao seu processo pessoal de desenvolvimento nestes contatos”.

Esse processo, a qualquer momento, pode ser revisto, reelaborado e modificado para favorecer uma interação social significativa do público com o espaço, pois a visita ao museu é uma experiência social e cultural, uma forma de compartilhar o saber no espaço público. Vigotsky (1995), o grande pensador sobre processos psicológicos, relata que tudo que é tipicamente humano se origina da vida em sociedade. A criança nasce em um mundo humano, começa a sua vida em meio a objetos e fenômenos criados pelas gerações que a precederam e vai se apropriando destes, conforme se relaciona socialmente. Sendo assim, a ação educativa teve como um dos focos despertar nos alunos a importância da contribuição dos diferentes ofícios que existiram no início do século XX e as mudanças tecnológicas que ocorreram, oportunizando-lhes fazer uma relação entre o passado e o presente, traçando perspectivas para o futuro.

Os profissionais do Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann Wegermann (MAHP), ao desenvolverem essa ação educativa, levaram em conta o seu acervo, promovendo a interação de diferentes públicos (escolar, tanto do

município, como da região), estabelecendo diálogo com os visitantes, considerando o museu como espaço de construção do conhecimento. Segundo Cabral (2011), “os estudantes constroem seus próprios significados e fazem sentido de acordo com o seu próprio modo a partir das oportunidades de aprendizagem que experimentam”. A autora também afirma que cabe ao educador oferecer experiências apropriadas de aprendizagem, em que o conhecimento do estudante pode ser explorado, aumentado e testado. Em outras palavras, aprender não é transferir conhecimentos, mas, segundo Freire (1996, p. 25) “é criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”. Neste sentido, o objetivo geral ao participar da 9ª Semana de Museus “Museu e Memória” foi resgatar, por meio das ações educativas, a importância dos ofícios menos presentes na sociedade atualmente, mas que foram essenciais na comunidade panambiense para o desenvolvimento do Município durante a primeira metade do século XX, valorizando o acervo do MAHP, acessando a memória do passado e promovendo perspectivas para o futuro.



Foto 1: Ofício de ferreiro.



Foto 2: Ofício de costureira.

Os objetivos específicos ficaram assim constituídos: resgatar a contribuição dos diferentes ofícios (sapateiro, marceneiro, ferreiro, engraxate, barbeiro, alfaiate e costureira), organizando diferentes espaços com materiais de trabalho que estes utilizavam; realizar entrevistas com profissionais dos ofícios, filmando etapas de seus afazeres e solicitando empréstimo de materiais que utilizavam/utilizam no cotidiano do seu trabalho; elaborar vídeos utilizando-se do acervo, dos depoimentos dos profissionais e das filmagens, a fim de ampliar o acervo audiovisual do MAHP, disponibilizando-os para diferentes públicos; proporcionar aos profissionais da área de história e geografia momentos de formação envolvendo a temática da 9ª Semana de Museus “Museu e Memória”, em relação ao trabalho e desenvolvimento econômico.

A ação educativa desenvolveu-se de 16 de abril a 3 de junho de 2011, sendo prorrogada devido ao grande número de agendamentos. O público-alvo foram alunos e professores da educação básica do município, da região, e a comunidade em geral. Também recebeu a visita de algumas pessoas, como o mais idoso alfaiate da cidade, os marceneiros aposentados, os quais realizaram trabalhos voluntários, entre outros.

## Etapas do projeto

A ação educativa “Ofícios do século XX” desenvolveu-se em 11 etapas, são elas:

- Etapa I – elaboração da ação educativa em consonância com a 9ª Semana de Museus “Museu e Memória”.
- Etapa II – levantamento do acervo do MAHP referente aos ofícios que foram selecionados para o Projeto.
- Etapa III – solicitação de empréstimos de acervo junto à comunidade para complementar a exposição.
- Etapa IV – organização das réplicas, espaços com exposições dos ofícios de sapateiro, ferreiro, marceneiro, engraxate, barbeiro, alfaiate e costureira.
- Etapa V – entrevista com pessoas da comunidade que foram aprendizes destes ofícios.
- Etapa VI – elaboração de painéis com fotografias, depoimentos e pesquisas em jornais locais sobre os ofícios em questão.
- Etapa VII – elaboração de vídeos com entrevistas de pessoas da comunidade, remanescentes dessas atividades, demonstrando como se utilizavam as peças, tais como a máquina de costura, o banco de marceneiro, a bigorna, o fole, entre outros.
- Etapa VIII – palestras aos professores das áreas de geografia e história. A primeira palestra desenvolveu o tema “Identidade Operária de Panambi”, que aborda pesquisa sobre a questão do trabalho metalúrgico, buscando uma definição de trabalho, sobretudo no século XX

(ALMEIDA, 2011). A segunda palestra foi sobre o “Estúdio Foto Klos: memória visual e oral”, um trabalho em fase inicial que aborda a história de três gerações de fotógrafos (RIBEIRO, 2011).

- Etapa IX – visitação às réplicas dos ofícios, com agendamento prévio para turmas de alunos. A proposta previa descrição da ação educativa e apresentação dos vídeos elaborados. Neste momento, havia diálogo com os alunos e outros grupos de pessoas sobre os ofícios dos recantos organizados, suas experiências e ideias. A Equipe do MAHP, por meio de materiais produzidos como cartazes sobre indústrias, vídeos entre outros, procurava fazer a relação entre estes ofícios e empresas atuantes no mercado nacional e internacional. Em seguida realizava-se a visita orientada e dialogada percorrendo as diferentes réplicas, com oportunidade de interação.
- Etapa X – desencadeamento de atividades curriculares nas escolas a partir da visitação das Réplicas e temática abordada nelas.
- Etapa XI – divulgação do projeto nos meios de comunicação e no blogue do Museu (MAHP, 2011).

A 9ª Semana dos Museus foi marcada por intensa movimentação em torno da exposição temporária, tendo grande aceitabilidade por parte das escolas municipais, estaduais e particulares de Panambi e da região. O agendamento das visitas para grupos era realizado no horário de funcionamento do MAHP, isto é, de segunda a sexta-feira, das 7h30min às 11h30min, na parte da manhã, e das 13h30min às 17h30min, à tarde, ou ainda fora do expediente, conforme necessidade dos interessados na visita. O projeto gerou impactos socioculturais considerando que o MAHP recebeu a visitação de 2.000 pessoas, incluindo alunos do ensino médio profissionalizante, ensino fundamental do município de Panambi e Condor, comunidade local e regional. A partir da interação com os diferentes ofícios, o público participante pôde compreender a utilização e a função de peças que existem no acervo do MAHP e a importância destes ofícios no contexto histórico do Município.

Os diferentes espaços simulados levaram à percepção da ligação do passado e presente desencadeando reflexão, tornando o trabalho desenvolvido no MAHP mais significativo e dialógico, levantando hipóteses sobre o desafio desta realidade e visualizando novos rumos (MAHP, maio de 2011). A proposta de formação de professores serviu de subsídio para aprofundar, em sala de aula, o tema em questão. Pode-se afirmar que o Projeto despertou nos alunos, inclusive na comunidade, o interesse pelo acervo como parte da história vinculado com a realidade.

## Metodologia aplicada

Para concretizar o Projeto, utilizou-se da interação do grupo de alunos, buscando a compreensão e a construção conjunta dos conceitos diversos relacionados à temática “Ofícios do século XX”, a partir da experiência dos seus componentes e do aporte teórico apresentado - palestras, painéis, documentos -, motivando-os para a reflexão e a construção conjunta de novos saberes. A simulação vivenciada na prática dos ofícios do século XX visou estudos sobre trabalho, economia, evolução das tecnologias, entre outros temas.

Essa experiência, por sua vez, gerou a análise e discussão em pequenos grupos, refletindo sobre o passado e o presente, traçando perspectivas para o futuro. Os professores, a partir das ações educativas realizadas no MAHP e com grande gama de material disponibilizado para as escolas, propuseram aos alunos diferentes formas de trabalhos dentro da comunidade escolar, procurando resgatar a história do trabalho em nosso município. O MAHP foi aberto em horário especial, oportunizando a visita da comunidade em geral para atender a universalidade do acesso.

A fim de possibilitar o acesso e a democratização da ação educativa sobre os diferentes ofícios do século XX, alguns desses foram organizados em espaços localizados ao lado do MAHP, que oferece acessibilidade a pessoas com mobilidade reduzida. Também houve acompanhamento de intérprete de libras para

eliminação de barreiras de comunicação. Os materiais audiovisuais elaborados pelo MAHP estão disponíveis para pesquisa, bem como as fotos e entrevistas. Dessa forma, percebeu-se que as práticas vivenciadas propiciaram reflexões sobre mudanças nas formas de trabalhos e os objetivos propostos para o presente projeto foram plenamente atingidos.

Fonte das imagens apresentadas no artigo: Acervo do MAHP.

## Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Elmar. *Palestra: Identidade Operária de Panambi/RS*, 2011.
- CABRAL, Magaly. *Curso ação educativa em museus*, set de 2011.
- FAUSEL, Erich. *Centenário de Panambi, 1889-1949*.
- LOURENÇO, Maria Cecília. *Museus acolhem o moderno*. São Paulo: Edusp. 1999;
- MAHP, 2011. *Divulgação das Atividades*. Disponível em: <<https://mahp-panambi.blogspot.com/2011/05/palestras.html>>. Acesso em: jun. de 2019.
- \_\_\_\_\_. Maio de 2011. *Atividades propostas*. Disponível em: <<https://mahp-panambi.blogspot.com/2011/05/visitacao.html>>. Acesso em: julho de 2019.
- RIBEIRO, Adriane Carmem. *Palestra: Estúdio Foto Klos: Memória Visual e Oral*, 2011.
- SILVA, Margarida Brandina Pantaleão. *Museu e ação pedagógica: uma parceria de sucesso*. Disponível em: <[http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art\\_.asp?id=8948](http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=8948)>. Acesso em: abr. de 2011.
- VYGOTSKY, Lev. S. *Obras completas*. La Habana: Editorial Pueblo Y Educacion, 1995. vol. 5.



**Instituto Imersão Latina**

# Vozes da Mata: uma experiência de memória e narrativa

Aline Cântia Corrêa Miguel<sup>1</sup>

**Resumo:** O texto trata do lugar ocupado pelo narrador de histórias tradicional e contemporâneo. A reflexão parte do projeto “Sons e Memórias que contam histórias”, que teve como objetivo pesquisar, registrar e difundir a memória coletiva de municípios da região da Zona da Mata de Minas Gerais, por meio da arte de narrar. De forma interdisciplinar, o projeto percorreu diversos municípios da região por um período de oito meses. Neste texto, aborda-se a temática a partir do encontro com o narrador e educador popular Sebastião Farinhada.

**Palavras-chave:** memória social; narrativas; cotidiano; cultura popular.

---

<sup>1</sup> Narradora de histórias, doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense, mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais, graduada em Jornalismo pelo Centro Universitário de Belo Horizonte. Atualmente é presidente do Instituto Cultural Abrapalavra.

*[...] Acercai-vos e escutai-me.  
Em concordância com vossos dizeres  
Vou contar aos meus ouvintes  
Como as coisas aconteceram,  
Desde vós, no passado,  
até nós, no presente,  
Para que as palavras sejam preciosamente guardadas  
E fielmente transmitidas  
Aos homens de amanhã  
Que serão nossos filhos  
E os filhos de nossos filhos.  
Segurai firme, ó ancestrais, as rédeas de minha língua!  
Guiai o brotar das minhas palavras  
A fim de que possam seguir e respeitar  
Sua ordem natural.  
(Hampâté Bâ)*

Na linha do tempo, o narrador é uma figura milenar. Está ligado aos *griots*, como também aos contos de fada, às caravanas, às fábulas orientais, à curiosidade dos que esperavam por esses momentos de companhia, de contato com um mensageiro que lhes trazia novidades, que lhes descortinava o desconhecido e, sobretudo, que lhes alimentava o imaginário. A partir dessa percepção, tento me aproximar da figura do narrador proposta por Walter Benjamin (1994): “na fonte criativa do narrador, está a experiência que vai de boca em boca”. Esta foi a proposta do projeto realizado pelo Instituto Imersão Latina, apresentado ao Prêmio Darcy Ribeiro.

A possibilidade de se guardar por anos e, ao ser narrada novamente, atualizar-se para cada ouvinte é o que mantém a narrativa viva. Para Benjamin (1994), o narrador é tanto aquele que conta sobre algo distante, a partir das suas viagens, como o que permanece em casa e conta a partir do conhecimento da

história e tradição da sua terra. O autor exemplifica esses dois grupos de narradores — um que se desloca no espaço e outro no tempo — por meio dos seus representantes arcaicos, respectivamente: o marinheiro comerciante e o camponês sedentário. Deslocando-se no espaço, “quem viaja tem muito que contar”, afirma Benjamin (1994, p. 198). Há, contudo, o narrador que, ao contrário do viajante, desloca-se apenas no tempo, por ter passado a vida toda em um só lugar. Reconhecido como testemunha das tradições e histórias da sua comunidade, ele também tem o que narrar. Para o autor, é fundamental que a narrativa esteja vinculada a uma circularidade envolvendo aquele que fala e aquele que escuta e que só é capaz de ouvir porque se esvazia de pensamentos e, na repetição do trabalho contínuo, é capaz de parar o restante, estar presente e atento à experiência.

A partir de Benjamin, refletimos sobre o narrador oral contemporâneo e compreendemos que o fenômeno de retorno dessa figura está relacionado ao modo que entende que o ressurgimento do narrador de histórias, na contemporaneidade, está ligado justamente ao modo essencial de captar a jornada humana, na medida em que pode ser representada simbolicamente em contos de fadas ou concretamente em narrativas pessoais. A busca por sentido em uma história segue a mesma trajetória traçada pelo homem na busca pelo conhecimento. Tal pensamento leva a crer que as histórias se manterão para sempre, preservando a sua especificidade que se radica na ação do compartilhar.

E hoje? Que traços do narrador tradicional, seja o narrador viajante ou o agricultor, o narrador contemporâneo ainda traz? O narrador que ressurgir será aquele que Benjamin diz ter desaparecido? Será uma herança dos *griots*? O que se conta, para que e para quem? Ainda se aconselha? Onde se encaixa a sabedoria nesses *tempos lugares* de agora? E quem são eles? Por que persistem?

Para começar a tentar responder essas questões, que não necessariamente serão resolvidas aqui, convido o leitor a conhecer e a refletir sobre os trajetos de Sebastião Farinhada, assim como os caminhos que ele percorre no cotidiano, entre as suas casas e a dos vizinhos, até à cidade mais próxima, seguindo por estradas, ruas, becos, rios, assentamentos. Ao acompanhar a cotidianidade das suas vidas diárias, busco compreender como extraem os seus conselhos

da experiência e, ao segui-los, passam a construir uma vida que se funde à sua prática educativa e narrativa.

### **Farinhada: os saberes de experiência de um educador narrador viajante**

Farinhada nasceu Sebastião Estevão, em São João do Norte, comunidade rural de Divino, nos limites entre as comunidades dos Vilettes, Arataca, dos Pilas e Córrego Manso, Zona da Mata, Minas Gerais. Educador popular, entre as muitas atividades que faz, coordena o Fórum Mineiro de Entidades Negras, é diretor/presidente do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA) e integrante da Rede de Saberes das Comunidades Quilombolas da Zona da Mata. Sebastião Farinhada é uma voz que nasce do andar, da escuta, do debate, do consenso, da harmonia, da fricção, do entrelaçar de muitas vozes que vieram muito antes de nós, das que nos são contemporâneas e também das que ainda virão. As suas andanças começaram com os movimentos sociais e é a partir deles que procura estabelecer relações entre os saberes da experiência e da ciência:

Minha família tem muito essa coisa de ir à Aparecida do Norte, de pagar promessa, ir no Bom Jesus de Congonhas. Da família de 12 irmãos, eu ali no meio, cresci vendo meu pai, minha mãe indo para Congonhas do Campo, nos jubileus, e eu sempre ficava em casa. Eu nunca viajei com minha família. Eu sou um dos irmãos que nunca foi visitar os parentes no Rio de Janeiro.

Mas aí aos 16 anos eu comecei a andar pelo mundo. Por meio do movimento popular, da CEBs, as comunidades eclesiais de base, da PJ (Pastoral da Juventude), da PJR, e aí o ciclo de cultura, este espaço em que você ouve as pessoas. Eu chegava em algum lugar e tinha um palestrante. E às vezes eu não entendia muito o que eles estavam falando. E então começamos a perceber que em vez de ter um palestrante lá na frente que fala uma, duas horas sobre um tema específico, seria melhor colocar este assunto numa roda, num círculo, e ouvir todo mundo, o quê cada um pensa, sabe daquilo ali.

Eu quero falar sobre povos tradicionais. Eu posso elaborar um texto e falar sobre o que são os povos tradicionais. Ou eu posso ouvir, perguntar o que eles acham, o que eles pensam, o que eles sentem. Vão vir coisas que você não vai encontrar em nenhum livro. Eu tenho andado pelo mundo a chamado da luta popular. Hoje eu pertença ao movimento negro. Acompanho também as formações com a pedagogia da alternância das EFAS (Escolas Famílias Agrícolas) em Minas Gerais.

Eu estou praticamente toda semana em um lugar diferente, fazendo esses ciclos de cultura, ouvindo e falando sobre a identidade do povo quilombola, a identidade do jovem rural, a identidade camponesa, sobre a cultura popular, sobre a educação do campo, isso é uma coisa que tem tido um reconhecimento muito grande.

Eu sou cantador. (Conversa gravada em fevereiro de 2013)

Existem muitas maneiras de falar e refletir com Farinhada. Entre tantas, escolhi contar sobre as nossas aproximações, sobre o produzir juntos, especialmente durante o projeto “Sons e memórias que contam histórias”. Colecionamos conversas há pelo menos dez anos, são elas que guiam os meus movimentos: aquele que se dá em mim, entre o que escrevo, os textos que me acompanham e os nossos encontros que aconteceram em muitos lugares diferentes.<sup>2</sup>

## Espera Feliz: na fogueira de São Pedro, conversas sobre a festa popular como experiência educativa e narrativa

Pegar o ônibus da meia-noite na rodoviária de Belo Horizonte e chegar em Espera Feliz às 5 horas da manhã foi um dos programas cumpridos durante a execução do projeto. Dia 29 é comemorado o dia de São Pedro e, independentemente do dia da semana em que cai, é nesse dia que é realizada a Fogueira de São Pedro, também conhecida, lá na região do Pico da Bandeira, como a

---

<sup>2</sup> Conheci Farinhada em 2005 e, desde então, sempre realizamos atividades juntos, como apresentações artísticas e oficinas de educação e cultura popular. Para além delas, nos encontramos sozinhos ou com as nossas famílias para conversar sobre política, arte, educação, sobre a vida.

Fogueira do Farinhada. Em algumas das minhas idas, tive a oportunidade de acompanhar todo o processo, desde os dias anteriores, quando a família e a comunidade se juntam para os preparativos da comida, das bandeiras, da colheita e do roçado. Quando estive ali pela primeira vez, ela ainda era comemorada no São Domingos, onde ainda mora a família do Farinhada. Estava com dois amigos e tivemos dificuldade em achar um lugar para estacionar o carro, me deu impressão de que ela era maior do que eu imaginava. Como nos perdemos um pouco pelo caminho, chegamos com a festa já em curso, por volta das dez horas da noite. A primeira imagem me impressionou muito: aproximadamente duas mil pessoas circulavam tranquilamente pelo terreiro, escutando o violão, a sanfona e o canto no palco. Nas laterais, mesas enormes com doces, broas e comida à vontade. Entre as pessoas, uma simpática moça servia quentão. Ainda impactada com aquela festa comunitária, escuto a voz grave do Farinhada pedindo para as pessoas silenciarem aos poucos e convidando as crianças para perto do palco. Em seguida, anunciou que eu e o Chicó, “vindos da cidade grande”, contaríamos uma história.

Agora, a Festa de São Pedro acontece no assentamento Padre Jesús. Na manhã seguinte, quando todos já trabalhavam novamente na organização “da casa”, sentado em um toco, Farinhada começou a nos contar:

Lá em casa, a fogueira de São Pedro começa com uma promessa. Meu avô se chama Pedro, naquela ocasião estava doente e também o meu irmão precisava fazer uma cirurgia por um problema de vista. Então a minha mãe fez a promessa e alcançou a graça. Meu irmão não precisou fazer a cirurgia e o meu avô durou muito tempo ainda. Mas a minha família tem tradição de fazer fogueira. A minha avó fez a vida inteira fogueira de São João, a minha mãe sempre participou de fogueiras de vizinhos. E sempre foi uma coisa de família e a comunidade participa. Isso já vem acontecendo há 40 anos. E de um tempo pra cá a gente tornou essa festa ainda mais popular. No início, eu lembro, não tinha energia elétrica em casa, as broas, os biscoitos de polvilho, eram as comadres. Nessa época eu tinha umas irmãs de 12, 13 anos e já chegava uns moços rodeando. Meu pai chamava para moer cana. Moer cana para fazer a garapa, para fazer a broa, para fazer o café, para o povo pular a fogueira. Hoje as coisas mudaram. Mas continuamos

tentando manter a tradição: não comprar nada. O pé de moleque, o canjicão, a canjiquinha, a broa de fubá. Não tinha som, era só o sanfoneiro e o cantor. Meus tios. Quando a garganta cansava, mascava um pouco de gengibre e o baile continuava. E sempre tinha 2 ou 3 sanfoneiros. Quando um tocava, o outro dava uma descansada. Hoje a gente tem som, a gente tem palco. Mas o ritual continua: levantar o mastro, fazer a procissão, acender a fogueira e depois servir a comida. A festa inteira é como se fosse uma história, como essa que você mais o Chicó contaram.

A fala de Farinhada e a festa em si me fazem recorrer às narrativas que, na obra de Benjamin, se configuram como uma espécie de rito de encontro, de partilha. Para Farinhada, a Fogueira de São Pedro é, certamente, uma festa pensada como uma experiência de encontro, de troca, uma experiência educativa e museal. É um momento singular, quando as pessoas da sua comunidade e família interrompem a rotina de trabalho e de lida da casa para “festar” com os vizinhos, amigos, coparticipantes da mesma crença e das mesmas tradições. Homens e mulheres transitam pelo assentamento, cada um com as suas funções, mas trabalhando juntos enquanto se esbarram, trocam uma conversa, riem e seguem os caminhos. Passei um bom tempo na cozinha, conversando com as mulheres, sobrinhas, tias e irmãs do Farinhada, que preparam a comida, e elas são enfáticas ao dizer que “o melhor da festa é esperar por ela”, o burburinho de como vai ser.

Para além da Festa de São Pedro, o projeto percorreu com Sebastião Farinhada outros espaços da região da Zona da Mata, envolvendo ações voltadas para construção da memória social e coletiva de grupos sociais, a partir do exercício de ouvir, guardar, cantar e narrar histórias. Foram essas práticas, como oficinas de narração, caminhadas agroecológicas, apresentações de narração e música e pesquisas de campo, que o projeto cumpriu seu objetivo inicial de contribuir para valorização da memória local, reconhecendo o espaço comunitário como um lugar de encontro de memória, palavra e práticas para serem compartilhadas. Ao longo do projeto percorremos, além de Espera Feliz, os municípios de Viçosa, Ponte Nova, Acaiaca e Araçuaia. Uma das atividades realizadas foi a participação na Caravana Agroecológica e Cultural da Zona da

Mata Mineira. A caravana partiu do Centro de Tecnologias Alternativas (CTA) da Zona da Mata Mineira, em Viçosa. Durante todo o trajeto, aconteceram muitas apresentações culturais, como grupos de congadas e folias de reis, e apresentações de narração de histórias. Conversas e entrevistas sobre histórias locais também fizeram parte do trajeto, assim como contato com autoridades locais. Todo o trajeto foi registrado por fotógrafos que acompanharam o projeto “Sons e Memórias que contam histórias”.

Com o projeto, foi possível pensar “o lugar da memória” e “a memória do lugar”, afirmando que esse processo é uma forma de reinventar a comunidade, construindo redes de solidariedade e criatividade social.

**Imagens:** Projeto Sons e Memórias que Contam Histórias, realizado na região da Zona da Mata Mineira. Créditos: Davi Fuzari França.











## Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.
- \_\_\_\_\_. “Rua de Mão Única”. In: *Obras escolhidas*. Trad. R. Rodrigues Torres Filho e J. C. Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 2
- \_\_\_\_\_. “Sobre o conceito de História”. In: ROUANET, Sérgio Paulo (Org.). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 6. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BOSI, Alfredo (Org.). *Cultura brasileira: temas e situações*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.



**Museu de Arte Sacra dos Jesuítas**

# Reavivando o patrimônio na terra das artes: o projeto Descobrindo Embu no Museu

Angélica Brito Silva<sup>1</sup>

Eron Matheus Bitencourt<sup>2</sup>

**Resumo:** “Descobrindo Embu no museu” é uma ação educativa do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas, cuja finalidade é aproximar a comunidade do patrimônio existente no município por meio da valorização da cultura e da criação de vínculos com sua história.

**Palavras-chave:** Museu de Arte Sacra dos Jesuítas; educação patrimonial; democratização da cultura; ação cultural; formação de professores.

---

<sup>1</sup> Coordenadora do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas, especialista em Gestão Cultural pelo Senac e mestre em História Social pela Universidade de São Paulo.

<sup>2</sup> Educador social no Museu de Arte Sacra dos Jesuítas e bacharel em História pela Universidade de São Paulo.

Descobrir Embu no Museu é um projeto de educação museal desenvolvido pelo Museu de Arte Sacra dos Jesuítas<sup>3</sup> (MASJ). Instalado na antiga igreja de Nossa Senhora do Rosário, monumento histórico e artístico do início do século XVIII, tombado em 1938 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), trata-se de importante elemento na constituição da memória e identidade da cidade de Embu das Artes/SP. Em 2012, foi um dos vencedores da 5ª edição do prêmio Darcy Ribeiro; este texto, por sua vez, busca apresentar os desdobramentos da ação após a premiação.



**Foto 1:** Fachada do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas, 2017.

---

**3** O museu integra o complexo histórico-cultural-religioso Pateo do Collegio, uma obra da Companhia de Jesus.

A ação foi criada em 2007 como resposta à baixa visitação dos habitantes do município ao museu, cujo público era formado majoritariamente por turistas. Acreditava-se que tal quadro decorria da situação socioeconômica de grande parte da população, em que destacamos o fato de se tratar de uma cidade-dormitório, com grande desigualdade entre centro e periferia, esta densamente povoada e carente de equipamentos públicos, sobretudo culturais. Para além disso, havia também uma barreira simbólica: o centro histórico era visto como algo elitizado, cujos atrativos eram direcionados a turistas – e, portanto, distante do cotidiano dessas famílias.

Pensar estratégias para fomentar o acesso a bens culturais, incluindo os museus, não se trata de tarefa fácil, pois envolve hábitos que, em parte, dependem de incentivos recebidos ainda na infância, particularmente dos pais. Por outro lado, temos, no Brasil, um histórico de elitização do acesso às instituições culturais, sobretudo os museus. Nesse sentido, como quebrar esse ciclo, aproximando as novas gerações de locais aos quais não se sentem pertencentes?



**Foto 2:** Encontro Pedagógico de Formação para Professores, março de 2017.

Diante desse quadro, observamos que o desenvolvimento de um trabalho em conjunto com as escolas poderia ser o mecanismo mais eficaz para atingirmos o objetivo. Além da universalidade do acesso, o ambiente escolar é um espaço dedicado à aquisição de conhecimentos, habilidades e valores, entre eles, o de pertencimento à comunidade, essencial para o exercício da cidadania. Assim, a relação entre museu e escola é mutuamente benéfica, trazendo resultados positivos para ambas as instituições, contribuindo para que cumpram sua função social. Dessa forma, iniciamos a ação por meio da sensibilização dos professores em relação aos potenciais benefícios existentes nessa parceria.

Dentro dessa perspectiva, os professores atuariam como importantes mediadores para o estabelecimento de vínculos entre a sociedade, o patrimônio e a cidade. Tanto os docentes quanto os estudantes seriam os multiplicadores da ação e, dessa maneira, esperávamos alcançar a médio e longo prazo a comunidade, difundindo o patrimônio cultural. De forma objetiva, buscávamos contribuir para o resgate da história do museu, do município e da região; estimular o hábito da visita a museus e instituições culturais; desenvolver princípios de educação patrimonial; e contribuir para a formação crítica do cidadão.

O público-alvo seriam os estudantes de ensino fundamental, médio e EJA (educação de jovens e adultos), bem como os professores das escolas estaduais e municipais de Embu das Artes. Com o tempo, devido a demanda das escolas de ensino infantil e a procura de professores de outras redes, ampliamos o atendimento a crianças da faixa etária de 4 e 5 anos de idade, e a participação de docentes de outros municípios como São Paulo, Taboão da Serra e Itapeverica da Serra.

No entanto, para uma visita de sucesso, é importante um trabalho em conjunto entre os educadores do museu e os docentes. É essencial que o professor prepare os estudantes para a visita, o que vai além de simplesmente explicar a etiqueta ou as regras de comportamento. Para isso, é necessário que os agentes responsáveis pela visita – educadores e professores – se encontrem antes da data, conhecendo seus respectivos projetos pedagógicos. Nesse sentido, ficou claro que um dos principais pilares de nosso projeto seria justamente tornar possível o encontro entre o professor, o educador do museu e o acervo antes da

visita dos alunos, a fim de que existisse a troca de informações, experiências e estratégias de mediação.

Na ocasião, a estratégia adotada foi a realização de visitas às unidades escolares por meio da participação de nossos educadores nas reuniões pedagógicas, como uma forma de estabelecer esse primeiro contato. Nesses encontros, para além de divulgarmos a instituição e o projeto, trabalhávamos alguns conceitos-chave ligados ao campo do patrimônio e museologia, para demonstrar a importância do tema e motivar a adesão dos profissionais. Por meio dessas visitas, tivemos a oportunidade de conhecer um pouco mais a realidade desses locais e constatar o distanciamento que havia, até então, entre as escolas do município, os museus em geral e o MASJ em particular. A partir dessa primeira conversa, fazíamos o convite para que os educadores aderissem ao projeto, visando o objetivo central, que era tornar possível a visita dos alunos ao museu. Para tal, os



**Foto 3:** Encontro Pedagógico de Formação para Professores, março de 2017.

professores participariam de um curso de formação, momento em que teriam a oportunidade de conhecer o acervo e refletir sobre como trabalhá-lo em sala de aula.

A formação aconteceu no museu, aos sábados, e consistia em três encontros, cada um com quatro horas de duração, quando foram discutidos temas como educação museal, conceitos de patrimônio e museu, a formação do acervo existente no Museu de Arte Sacra dos Jesuítas e a história do município. Após o curso, os professores trabalhariam a temática em sala de aula, a depender da abordagem que seria adotada em relação ao acervo, para, enfim, trazer os estudantes ao museu.

Ao longo do tempo, ficou evidente que os professores sentiam falta de um material de apoio, que os auxiliasse no trabalho desenvolvido em classe. Embora não possuíssemos recursos para a produção de um material didático,



**Foto 4:** Visita da E.M. NEI Magali, maio de 2019.

desenvolvemos uma pequena apostila, disponibilizada em arquivo digital, a fim de suprir essa lacuna. A partir do Prêmio Darcy Ribeiro, foi possível aprimorar o material já existente, aprofundando as pesquisas em relação ao acervo, o que culminou na publicação de um livro, o *Guia temático do professor*.

Essa publicação é entregue a todos os participantes de nosso encontro de formação, servindo de ferramenta de apoio para o trabalho em sala de aula. Além disso, foi distribuído um exemplar do livro para a biblioteca de cada escola pública dos municípios de Embu das Artes, Itapeverica da Serra e Taboão da Serra. Também enviamos o material para bibliotecas públicas e universitárias desses municípios, incluindo São Paulo, permitindo, assim, o acesso ao conhecimento em relação ao acervo existente no museu, mesmo para aqueles que não participaram da formação.

A partir do trabalho realizado em sala de aula pelo professor, os alunos desenvolvem outra perspectiva, tornando-se mais motivados e interessados na visita. Ao realizar o atendimento aos grupos, buscamos a participação ativa, explorando os conhecimentos prévios e experiências de vida dos estudantes. Sabemos que uma experiência ruim pode desestimular esse público a frequentar outras instituições semelhantes; por esse motivo, damos particular atenção ao acolhimento e ao estabelecimento de vínculos afetivos entre o indivíduo e o espaço.

Não costumamos aplicar aos alunos uma avaliação formal em relação a seus sentimentos ou opiniões sobre a visita ao museu, mas a reação e as falas das crianças durante e após a visita são importantes indicadores do alcance de nosso trabalho. Em geral, os comentários são positivos: diversos alunos, por exemplo, relatam gostar do museu; outros, que pretendem retornar com a família – e alguns, de fato, o fazem. A partir desses comentários, acreditamos que a visita ao museu traz resultados extremamente positivos às crianças e adolescentes.

Para além da opinião dos alunos, outro importante retorno que temos refere-se aos professores. Nesse caso, realizamos, ao final do ano, um Encontro de Avaliação, em que os profissionais puderam compartilhar suas experiências, dando seu parecer sobre o desenvolvimento do projeto, levando em consideração a atuação de todos os envolvidos em sua concretização – estudantes, professores e educadores do museu. Trata-se de um importante mecanismo para pensarmos

em melhorias e abordagens mais adequadas na condução das visitas e outras formações. O intercâmbio de experiências, no entanto, não beneficia apenas o museu: por meio da troca, os professores e suas instituições têm a oportunidade de observar outras metodologias e estratégias. Por fim, o encontro possibilitou o encerramento de um ciclo e o registro do trabalho desenvolvido ao longo do ano, valorizando, dessa maneira, a atuação dos profissionais da educação.



Foto 5: Visita da E.M. Cecília Meireles, agosto de 2018.

Em depoimento oral, alguns participantes do projeto relataram aspectos interessantes de seu desenvolvimento. A professora Maria Benedita Gomes da Silva (2017), por exemplo, ao trabalhar com alunos de EJA, mencionou que:

Eu acho que eles [os alunos] ficaram mais pertencentes à cidade. Eles acabaram frequentando mais aqui o centro, uma região que eles não tinham esse costume de vir, né? Eles preferiam ficar em São Paulo, onde eles trabalham, e a cidade mais para dormir mesmo,

cidade dormitório, que eles falam. Mas eles agora estão vindo no final de semana, tão trazendo a família... Então eles me contam, eles relatam várias coisas que eles tão conhecendo [...]. Às vezes eles mostram foto, que eles vêm aqui, na parte do teatro... Então eles tão aproveitando outras coisas, outras culturas que eles não tinham contato antes.

**Na mesma ocasião, afirmou também que:**

Agora eles se sentem mais embuenses. Eles acham que moram no Embu agora. Eles falam: “ah, trago alguém da minha família, se vier alguém de fora eu mando lá pro centro, e eles acham a minha cidade linda. Antes o pessoal falava que aqui era só periferia, que era só ladeira... agora eles acham que eu moro numa cidade bonita” [...]. Isso enriqueceu muito, assim, pra eles. Eles se sentem mais parte, [...] agora eles vêm no final de semana... Então acho que ficou muito claro isso pra eles.

**Em relação ao público infantil, a professora Joyce da Silva Bezerra (2017) relatou que:**

Eles [meus alunos] têm agora uma ligação mais direta com a cidade. Eles conseguem ter até um orgulho de saber que tanta coisa importante aconteceu aqui, que o Embu é uma das primeiras cidades. Então, eles têm esse relacionamento mais íntimo com a cidade – muitos, infelizmente, não conheciam nem a feirinha [...]. Que antes, pra eles, não era algo tão importante, tão relevante, e hoje em dia eles conseguem ter esse pensamento, essa visão, têm o interesse de buscar, de conhecer as festas, de conhecer os espaços, então pra eles [foi] muito enriquecedor.

Julgamos os relatos das professoras Maria Benedita e Joyce Bezerra muito importantes para refletirmos sobre o alcance do projeto. Tanto em relação ao público adulto (EJA) quanto ao infantil, podemos vislumbrar, por meio dessas falas, o importante papel social, cultural e histórico representado pelos museus. Esses depoimentos indicam a efetividade do Descobrimo Embu no Museu, alcançando seu objetivo de aproximar os munícipes do MASJ, além de fomentar o sentimento de pertencimento à cidade.



Foto 6: Visita da E.M. Cecília Meireles, agosto de 2018.

Após 12 anos de trajetória, acreditamos que o projeto “Descobrimo Embu no museu” tenha alcançado seu objetivo inicial. De 2007 para cá, atendemos a 16.159 estudantes em visitas e capacitamos 950 professores em nosso Encontro Pedagógico de Formação. Embora seja mais difícil medirmos o impacto da ação entre os estudantes, as falas dos professores, como vimos, convergem para uma mudança da perspectiva de seus alunos em relação ao museu, ao centro histórico, e à própria cidade de Embu das Artes.

Por fim, gostaríamos de destacar a importância de políticas públicas voltadas para a valorização da cultura e da educação. Iniciativas como o Prêmio Darcy Ribeiro contribuem de modo efetivo para a promoção de ações desenvolvidas por instituições públicas e privadas, conferindo maior visibilidade e reconhecimento entre a sociedade. Dessa forma, essas iniciativas são potencializadas, gerando inúmeros benefícios para toda a sociedade.

Fonte das imagens apresentadas no artigo: Acervo do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas. Créditos das fotos 1, 2 e 3: Jéssica Carvalho Silva. Créditos das fotos 4, 5 e 6: Angélica Brito Silva.

## Referências bibliográficas

- BEZERRA, Joyce. Entrevista concedida a Eron Matheus Bitencourt. Embu das Artes, 14 de outubro de 2017.
- BOTELHO, Isaura. “Dimensões da cultura e políticas públicas”. In: *São Paulo em perspectiva*, vol. 15, n. 2, 2001.
- BRUNO, M. C. O. (Coord.). *O ICOM-Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados*. São Paulo: Pinacoteca; ICOM, 2010. Vol. 2.
- GRINSPUM, Denise. “Educação patrimonial como forma de arte e cidadania”. In: *Educação com arte – Ideais 31*. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2004.
- HOOPER-GREENHILL, Eilean. “Education, communication and interpretation: towards a critical pedagogy in museums”. In: *The educational role of the museum*. Londres: Routledge. 1999.
- MARTINS, Luciana Conrado. *A relação museu/escola: teoria e prática educacionais nas visitas escolares ao Museu de Zoologia da USP*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- MARANDINO, Martha (Org.). *Educação em museus: a mediação em foco*. São Paulo: Geenf; FEUSP, 2008.
- SILVA, A. B.; BITENCOURT, E. M. “Descobrir o museu, (re)descobrir a cidade”. In: *ETD – Educação Temática Digital*, vol. 20, n. 3, p. 586-603, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.20396/etd.v20i3.8651710>>.
- SILVA, Maria Benedita Gomes da. Entrevista concedida a Angélica Brito Silva e Eron Matheus Bitencourt. Embu das Artes, 4 de outubro de 2017.



**Museu da Energia de Itu**

# Programa Formação de Público no Museu da Energia de Itu

Ana Paula Sbrissa<sup>1</sup>

Fernanda Cristina de Moraes<sup>2</sup>

**Resumo:** O Programa Formação de Público visa disponibilizar o Museu da Energia de Itu à comunidade educacional da cidade, como uma ferramenta pedagógica não formal, capaz de construir a identidade cultural e o sentimento de pertinência afetiva junto aos alunos.

**Palavras-chave:** Museu da Energia de Itu; público; oportunidade; experiência; escola.

---

<sup>1</sup> Coordenadora do Museu da Energia de Itu – Fundação Energia e Saneamento. Bacharel em Turismo, possui MBA em Gestão Pública (Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio), especialista em Gestão de projetos culturais e organização de eventos (Centro de Estudos Latino-americanos sobre Cultura e Comunicação da Universidade de São Paulo).

<sup>2</sup> Historiadora pelo Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, de Itu, especialista em História da Arte pela Universidade Estácio de Sá. Atualmente educadora do Museu da Energia de Itu, responde pela gestão do Setor Educativo da unidade museológica.

A primeira ideia que se tem ao abordar a questão da formação de um público é que estamos lidando com fatores de recepção. Nenhuma formação ocorrerá caso não haja oportunidades para tal ação e caso não se dirijam a um número de pessoas de determinado grupo social. Formar público significa construir, instruir, educar, com o intuito de provocar e criar uma vontade capaz de modificar um comportamento.

O sociólogo Pierre Bourdieu fala que o sujeito precisa de capital cultural para obter os bens simbólicos. É pela oportunidade de conhecer que se torna possível desenvolver um gosto, ou seja, um acúmulo de capital cultural que gera interesse de consumo. Desenvolver o gosto por alguma coisa significa estar instrumentalizado para ver, estar familiarizado com determinados fenômenos e ter condições de realmente olhar e apreciar.

A escola deve ser intermediadora entre os estudantes e os equipamentos culturais associados à expressão “cultura cultivada” (bibliotecas, livrarias, teatros, museus e cinemas). Segundo Cazelli e Franco (2006, p. 69) “um fator que pode favorecer a ampliação e o aperfeiçoamento da cultura é o estreitamento das conexões entre a educação formal e a não formal”. A escola pode ser concebida como o lugar onde o receptor em potencial (educando) pode receber o convite para desfrutar de algo proveniente da educação não formal. Tudo isso aponta para a importância que as escolas têm para a formação de público de museus. Os museus são espaços de educação não formal e, como tais, de acordo com suas peculiaridades, devem “oferecer novas formas de percepção do mundo e oportunidades de reflexão e aquisição de conhecimento de acordo com o interesse de cada indivíduo visitante/usuário do museu” (CABRAL, 2010, p. 33).

Por falta de identificação dos jovens com os museus e com aquilo que eles preservam, o museu pode se transformar, no imaginário infantil e juvenil, em um local introspectivo, soturno, onde não se pode “tocar” nem “falar alto”.

Os setores educativos dos museus precisam desenvolver ações que gerem novas experiências, que considerem “questões relativas à construção da identidade cultural, do sentimento de pertinência afetiva e de lugar, a importância de se construírem imagens para se dar a conhecer” (CABRAL, 2010, p. 32). A proposta da ação educativa nem sempre agradará a todos: cada um compreenderá

à sua maneira, cada um terá uma experiência própria. A visita a um museu deve ser uma experiência na vida do indivíduo, um estímulo ao desenvolvimento dessa prática.

Para entender o público escolar, é necessário que haja uma conciliação entre o plano de ensino e os objetivos da ação educativa. O papel do professor é fundamental para que sejam traçadas estratégias que atendam os educandos (escola) e educadores (museu).

Bourdieu expõe que a frequência aumenta gradativamente à medida que cresce o grau de instrução, o que indica que o gosto é também efeito da ação escolar. A influência da escola na formação do hábito só é determinante quando há uma sistematização das visitas, ou seja, ir ao museu passa a fazer parte do cotidiano escolar. Não é apenas o fato de ir ao museu por influência da escola o que determina o gosto, mas a competência cultural adquirida por meio da instrução que a escola proporciona.

O Museu da Energia de Itu sempre atendeu os alunos da Escola Municipal de Educação para Jovens e Adultos (EMEJA) da cidade. Em 2011, o Museu recebeu quatro turmas da EMEJA Profa. Maria da Glória Almeida Amirat – Unidade 1. Durante a ocasião observou-se que muitos alunos visitavam um museu da cidade de Itu pela primeira vez. Os motivos pelos quais os estudantes não frequentavam museus eram diversos: desconheciam os museus da cidade; eram provenientes de outras cidades; horário de funcionamento dos museus (normalmente fechados no período noturno); e relacionavam o museu a *status* social, entre outras falas.

A partir dessa constatação, foi elaborado o programa “Formação de público no Museu da Energia de Itu”, com o objetivo de atender esses alunos e estimular a preservação do patrimônio cultural, propiciar o conhecimento, a busca pela identidade social e cidadania e proporcionar o contato direto com uma instituição museológica.

O programa compreende a realização de uma visita mediada ao Museu e a realização de uma ação educativa adequada à faixa etária. A partir dos comentários dos alunos da EMEJA, foi criada a primeira ação educativa do Programa: “A minha e a sua identidade” – a partir de imagens de espaços da cidade e

símbolos comuns a todos, a atividade busca identificar o que os alunos pensam sobre a identidade cultural individual e a coletiva, e sua relação com o patrimônio e os equipamentos culturais do local onde vivem e convivem.



**Fotos 1 e 2:** Os alunos da EMEJA Profa. Maria da Glória Almeida Amirat participam da ação educativa “A minha e a sua identidade”.

Assim, em 2012, aconteceu a primeira edição do Programa de Formação de Público, com a participação dos alunos das EMEJAs Profa. Maria da Glória Almeida Amirat e Prof. Dr. José Amaro Mendes Pereira. As visitas mediadas aconteciam nos três períodos (matutino, vespertino e noturno), com duração de uma hora e meia e participação de cerca de 40 alunos. Após os atendimentos, notou-se: a aproximação dos docentes junto ao Museu; outras instituições museológicas de Itu realizando atividades no período noturno para esses

alunos; desmistificação de algumas ideias sobre os museus; e reconhecimento do Museu da Energia de Itu como um patrimônio relacionado à identidade cultural individual.

Diante do retorno positivo por parte das instituições de ensino envolvidas, no ano seguinte, o Museu ampliou o atendimento para outros públicos: alunos da educação infantil e ensino superior. Para essa nova demanda, foram elaboradas ações educativas que proporcionassem experiência de acordo com cada faixa etária. As crianças querem muito mais que ver ou observar os objetos expostos. Então, para elas, foi criada a ação “Os objetos que contam a história”. Por meio da mediação, os alunos são estimulados a pensarem a respeito da história que os objetos contam e podem tocá-los, desmontá-los. Para os universitários, alunos dos cursos de História e Turismo, o Museu da Energia de Itu pode



**Foto 3:** Os alunos do Lar Escola Santo Inácio participam de visita ao Museu da Energia de Itu com a mediação da educadora Fernanda Cristina de Moraes.

ser vislumbrado como uma oportunidade profissional. Assim, para esse público, as ações educativas visavam compreender a intencionalidade do discurso do museu e da expografia da exposição; e refletir sobre o que um lugar pode comunicar com relação à sua própria construção e ao seu conteúdo (acervo e exposição).



**Foto 4:** Os alunos do curso de Pedagogia do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (CEUNSP) também integram o público atendido pelo programa.

O programa “Formação de Público no Museu da Energia de Itu” transformou-se em uma espécie de “programa de fidelidade”, ou seja, as escolas participam todos os anos, com a série inicial de cada ciclo (Infantil, Fundamental I e II, Médio e Superior). Os alunos vêm ao museu e têm a oportunidade de experimentar, vivenciar, acumular, compartilhar e praticar.

A principal barreira rompida pelo Programa Formação de Público, até aquele momento, era o horário de visitação: as instituições com cursos no horário noturno não conseguiam visitar o Museu da Energia de Itu por conta do horário de funcionamento (10h às 17h). A partir da oportunidade criada, esse limite deixou de existir. Porém, há um empecilho que permanece até hoje: o deslocamento dos alunos. Esse é o principal fator de impedimento, apontado pelas instituições de ensino, para a não realização de atividades pedagógicas externas. Em função desse fato, apenas as instituições próximas ao Museu conseguem participar do Programa. Vale destacar que:

Para alguns museus ainda, atender um grande número de escolas, sem entrar no mérito de como se dá esse atendimento, é suficiente, pois permite, no final do ano, a elaboração de estatística em relatórios que evidenciam o cumprimento e mesmo a superação das metas e propósitos educacionais previstos. (LOPES, 1991, p. 21)

Esse não é o caso do Programa Formação de Público no Museu da Energia de Itu, pois ele não se apoia na quantidade, não apresentando um número expressivo de participantes: em média são 388 por ano, sendo 1,33% do público anual da unidade museológica. Mas o retorno aparece por meio de outros projetos que foram criados pelo museu em parceria com as instituições participantes ou pela presença dos alunos em outras atividades realizadas. A missão do Programa não é prover números: é criar oportunidades e experiências para que o público possa “tomar gosto” pelo museu, desenvolver o sentimento de pertinência afetiva e usufruir do espaço como e quando desejar.

No entanto, é importante ressaltar que o programa representa o primeiro contato da instituição de ensino com o museu, com o objetivo de realizar a visita. Porém, a aproximação entre as equipes (museu – escola) permitiu extrapolar essa expectativa e desenvolver novas ações que convergiam as metas das partes envolvidas.

Em oito anos, a partir do Programa Formação de Público, o museu desenvolveu três ações atreladas a eventos como a Semana Nacional de Museus, Primavera dos Museus e Cine Tela Verde, contando com a participação das

EMEJAs Profa. Maria da Glória Almeida Amirat, Prof. Dr. José Amaro Mendes Pereira e Lar Escola Santo Inácio. Também criou os projetos: “Intervalo com Energia” e duas contações de história que inicialmente atendiam as escolas parceiras (EE. Regente Feijó, EE. Dr. Cesário Motta, EMEJAs Profa. Maria da Glória Almeida Amirat, Prof. Dr. José Amaro Mendes Pereira, Centro Promocional Madre Theodora e Lar Escola Santo Inácio), que, posteriormente, foram estendidos às instituições que não participam do Formação de Público. É nítido que, quanto maior a aproximação entre as equipes das escolas e do museu, mais oportunidades são geradas e agregam novos parceiros: em 2016, os alunos da EMEJA Profa. Maria da Glória Almeida Amirat participaram do projeto de educação patrimonial “Meu ambiente”, que, por meio da fotografia, sensibiliza o olhar do autóctone sobre a cidade. As fotografias produzidas pelos alunos integraram uma exposição no Festival Interfoto Itu 2016.<sup>3</sup>



**Foto 5:** O fotógrafo Fernando Henrique Campos foi orientador técnico dos alunos durante a produção das fotos do projeto “Meu ambiente”.

---

<sup>3</sup> O Festival Interfoto Itu é um evento de fotografia realizado em período de cinco dias no Centro Histórico de Itu. A programação é composta por exposições, palestras, *workshops*, saídas fotográficas, entre outras atividades.



**Foto 6:** A exposição “Meu ambiente” na EE. Regente Feijó.



**Foto 7:** A Diretoria Regional de Ensino de Itu também recebeu a exposição com as fotos produzidas pelos alunos.



**Foto 8:** Projeto “Intervalo com Energia” – o educador Alessandro Bueno apresenta os experimentos para os alunos da EMEF Profa. Aurora Machado Guimarães (Porto Feliz).

O projeto “Meu ambiente” surgiu a partir de demanda de escola próxima ao Museu da Energia de Itu: alguns alunos da instituição não se identificavam com o patrimônio do entorno e a escola recebia diversas queixas dos vizinhos referentes a pichação, furto e danos patrimoniais. Por conta dessas ocorrências, a escola chegou ao Museu e, juntos, buscaram uma solução, que naquele

momento se configurou na criação do citado projeto, que envolvia temas como educação patrimonial, literatura, fotografia e permitia aos participantes retratar seu olhar sobre a cidade. A ação gerou uma exposição instalada no Museu, na escola e na Diretoria Regional de Ensino, e foi além: uma aluna participante se tornou estagiária da unidade museológica.



**Foto 9:** A estagiária Nurian Corrêa que passou a integrar a equipe do Museu da Energia de Itu, após participar do projeto “Meu ambiente”.

O programa “Formação de Público no Museu da Energia de Itu”, inicialmente concebido para receber, não atendia às necessidades reais das instituições: falta de transporte, carência de recursos e engessamento do currículo. Assim, ao longo do tempo, o museu saiu de dentro do museu, tendo como destino as escolas. Isso só foi possível porque as equipes se conheceram, se conectaram e compreenderam os desafios da educação formal e não formal.

**Foto 10:** Contação de estória “Um raio de luz” realizada na EMEFEI Dona Gabriela Emília Corrêa, localizada na zona rural de Itu.



**Foto 11:** O Setor Educativo do Museu apresenta a contação “Zeus e os raios”.



Ao longo desses oito anos, o Setor Educativo do Museu da Energia de Itu vem desenvolvendo e aprimorando o atendimento aos públicos escolares em consonância com sua missão de preservar, pesquisar e refletir sobre as memórias da energia e do saneamento, construindo um museu a serviço da comunidade e colaborando para a valorização dos patrimônios locais por meio de uma educação transformadora.

Fonte das imagens apresentadas no artigo: Acervo do Museu da Energia de Itu

## Referências bibliográficas

- CABRAL, Magaly. “O educador de museu frente aos desafios econômicos e sociais da atualidade”. In: *MUSAS - Revista Brasileira de Museus e Museologia*, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, vol. 1, n. 1, Rio de Janeiro, 2004.
- CAZELLI, Sibeles; FRANCO, Creso. “O perfil das escolas que promovem o acesso dos jovens a museus”. In: *MUSAS - Revista Brasileira de Museus e Museologia*, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, Rio de Janeiro, IPHAN, vol. 2, n. 2, 2006.
- DEGELO, Maria Ivone. *O público de museu: um pequeno diagnóstico*. Disponível em: <[http://citrus.uspnet.usp.br/estetica/2011/index.php?option=com\\_content&view=article&id=16:2009-1-art3&catid=35:revista01&Itemid=37](http://citrus.uspnet.usp.br/estetica/2011/index.php?option=com_content&view=article&id=16:2009-1-art3&catid=35:revista01&Itemid=37)>. Acesso em: 30 jul. 2019.
- GIRAUDY, Daniele, BOUILHET, Henri. *O museu e a vida*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro/RS; Belo Horizonte: UFMG, 1990.
- LOPES, Maria Margaret. “A favor da desescolarização dos museus”. In: *Educação & Sociedade*, n. 40, p. 14-24, dez. 1991.
- MUSEUMS AND GALLERIES COMMISSION. *Educação em museus*. Trad. Maria Luiza Pacheco Fernandes. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Vitae, 2001. (Série Museologia, 3)

VALENTE, Maria Esther; CAZELLI, Sibeles; ALVES, Fátima. “Museus, ciência e educação: novos desafios”. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 12 (suplemento), p. 183-203, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12s0/09.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2019.



**Museu de Arte de Montenegro**

# Ação educativa museal como crítica social por meio da arte

Madeleine de Mello Fontoura<sup>1</sup>

Susana Tebaldi Toledo<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo descreve a ação educativa realizada na cidade de Montenegro/RS em 2012, no Museu de Arte de Montenegro. O trabalho teve o objetivo de reconhecer o patrimônio histórico e cultural por meio da arte como instrumento de crítica e denúncia social.

**Palavras-chave:** Complexo da Estação da Cultura; Museu de Arte de Montenegro; patrimônio histórico; crítica social; identidade.

---

<sup>1</sup> Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Feevale e especialista em Arteterapia também pela Feevale, atualmente ocupa o cargo de agente administrativo no Museu de Arte de Montenegro.

<sup>2</sup> Graduada em Relações Públicas pela Universidade Federal de Santa Maria e graduanda em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, atualmente ocupa o cargo de estagiária de Artes Visuais no Museu de Arte de Montenegro.

A ação educativa no Museu de Arte de Montenegro (MAM) surge da vontade de possibilitar, às crianças e aos jovens, o reconhecimento do Patrimônio Histórico e Cultural do município, uma vez que o museu está localizado no Prédio Restaurado da antiga Estação Férrea. Conforme o que Costa, Castro, Chiovatto e Soares (2018) escreveram no Caderno da Política Nacional de Educação Museal, a Educação Museal:

[...] é uma peça no complexo funcionamento da educação geral dos indivíduos na sociedade. Seu foco não está em objetos ou acervos, mas na formação dos sujeitos em interação com os bens musealizados, com os profissionais dos museus e a experiência da visita. Mais do que para o “desenvolvimento de visitantes” ou para a “formação de público”, a Educação Museal atua para uma formação crítica e integral dos indivíduos, sua emancipação e atuação consciente na sociedade com o fim de transformá-la. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2018, p. 74



**Foto 1:** Crianças participantes do projeto em frente a um dos prédios do Complexo da Antiga Estação Férrea, atual Estação da Cultura.

Com o objetivo de enriquecer e fortalecer o conhecimento individual e coletivo de sua comunidade, sua cultura, memória e identidade, reconhecendo os Prédios do Complexo da Antiga Estação Férrea como patrimônio histórico e cultural e a importância de sua preservação como um elemento para o desenvolvimento sustentável, a promoção do bem-estar social, a participação na cidadania, em que a arte se transforma em instrumento de crítica e denúncia aos impactos causados pela ação humana a esses bens e ao meio ambiente, a ação educativa foi realizada no primeiro semestre de 2012, durante as oficinas de arte, oferecidas gratuitamente pelo MAM, semanalmente às quartas-feiras, com duração de duas horas.

O público-alvo da ação foram crianças e jovens do ensino fundamental, no contraturno de suas atividades escolares normais. As inscrições foram abertas no início do ano de 2012 a toda comunidade, mas a maioria das crianças e dos jovens inscritos foram as do Bairro Ferroviário, onde se situa o museu, pela facilidade de locomoção.

O espaço da antiga estação ferroviária atualmente é nomeado de Estação da Cultura e faz parte da Diretoria de Patrimônio Histórico e Cultural (DIPAHC), assim como o Museu Histórico Nice Antonieta Schüller, no prédio da antiga Cooperativa dos Ferroviários e o Arquivo Histórico Maria Eunice M. Kautzmann, no prédio da antiga Farmácia dos Ferroviários. O DIPAHC pertence à Secretaria de Educação e Cultura do Município de Montenegro.

A metodologia utilizada foi baseada na proposta triangular de Ana Mae Barbosa, em que o ensino da arte deve ter como alicerce três pilares: fazer, fruir e refletir. A proposta, segundo a autora, consistia em uma educação para a arte em que se:

[...] interligasse o fazer artístico, a história da arte e a análise da obra de arte [...] organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados, e ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura. (BARBOSA, 1991, p. 35)

Assim, no primeiro encontro, as crianças conheceram os prédios da DIPAHC que abrangem o Museu de Arte de Montenegro (MAM), a antiga Estação Férrea, o Arquivo Histórico, que está localizado na antiga Farmácia, e o Museu Histórico. Durante o passeio foram criados diálogos sobre a importância da restauração, do cuidado com os prédios históricos, documentos e objetos antigos. Em cada um dos prédios foram preparados jogos e brincadeiras para tornar o passeio divertido e interessante.

No Museu Histórico, realizou-se uma contação de história dramatizada usando os personagens e caracterizando-os. No Arquivo Histórico, foram observados os procedimentos do restauro da documentação. No Museu de Arte, as



Foto 2: Desenho sendo realizado por uma das crianças oficinairas.

exposições e a reserva técnica estiveram em destaque, além dos procedimentos para guardar uma obra de arte e as etapas para montagem de uma exposição.

Para o segundo encontro, a questão dos prédios históricos foi o foco. Em folhas para desenho em pastel oleoso, o prédio do Museu de Arte foi desenhado pelas crianças.

A exposição de Vany Dhein, que ocupava o espaço expositivo do MAM, foi visitada, e as crianças puderam analisar o trabalho da artista que desenha prédios históricos tombados ou demolidos de Montenegro e região.

No terceiro momento, a estudante de graduação Neusa Melissa do Espírito Santo foi convidada para falar sobre seu trabalho desenvolvido na disciplina de Linguagem e Expressão Pictórica IV, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Unidade de Montenegro. A técnica escolhida para esse segundo encontro foi o estêncil, que utiliza papel de acetato transparente, material usado para impressão de radiografias. Através de desenhos vazados, criaram-se



**Foto 3:** Crianças mostrando o lixo nas ruas da comunidade.

insetos e a impressão desses foi realizada com tinta guache, para criar uma obra que respeite a natureza, sem a toxicidade de outras tintas. A proposta chamou-se Infestação e consistia em fazer uso da arte para protestar contra o lixo espalhado pelo chão, os bueiros entupidos e consequentes alagamentos, a falta de lixeiras nas cidades.

Essa ação educativa museal faz com que se entenda a arte como um ato político, principalmente por ser focado no meio ambiente, mas também uma crítica ao “lixo” governamental. O fato de as crianças oficinairas morarem nos arredores do MAM possibilita que conheçam as ruas e onde o lixo está espalhado, bem como os espaços mal cuidados. Assim, puderam realizar as atividades nos locais onde se queria fazer a crítica/denúncia.

Os insetos foram pintados, por meio do estêncil, próximos aos bueiros, que estavam com muito lixo, na entrada de uma escola estadual e debaixo da lixeira onde tinha lixo no chão. Ao lado do MAM, tem um prédio em ruínas que faz parte do complexo da Estação onde os vizinhos fazem depósito dos seus próprios lixos. A técnica do estêncil é feita com o vazado sendo pintado com um rolo e pincel. O encontro foi registrado no “Diário de Bordo”, que é um caderno das crianças oficinairas, no qual escrevem sobre a aula e sobre o material usado.



**Foto 4:** Crianças iniciando o processo de pintura com estêncil.



**Foto 5:** Inseto feito com estêncil sendo pintado.



**Foto 6:** Insetos feitos com estêncil sendo pintados em um bueiro da rua.

Conclui-se que a ação ajudou na formação crítica e integral das crianças participantes, pois tiveram uma atuação consciente na comunidade em que vivem, visando transformá-la e, assim, se emancipando como sujeito social e consolidando seu papel de cidadão. Quando a arte é entendida como espaço educativo, concorda-se com o autor Adorno, que demarca sua concepção de educação como pressuposto político, pois, para ele, a educação é, antes de tudo, política, sendo decisiva para transformar o sujeito em cidadão. “Uma democracia efetiva só pode ser imaginada como uma sociedade de quem é emancipado.” (ADORNO, 1995, p. 142). Diante disso, o sujeito capaz de exercer a democracia é aquela pessoa que construiu uma consciência por meio de uma formação legitimada por atitudes baseadas em reflexão.

Fonte das imagens apresentadas no artigo: Acervo Fotográfico do Museu de Arte de Montenegro (MAM)

## Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

Instituto Brasileiro de Museus. *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*. Brasília: IBRAM, 2018. Disponível em <<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2019.



**Museu Histórico de Pinhalzinho**

# Casa de chão batido: representação da história dos caboclos do oeste de Santa Catarina

Neiva Maria Angst Lermen<sup>1</sup>

Fernanda Ben, Márcio L. Rodrigues, Luiz Fernando Ferrari<sup>2</sup>

**Resumo:** O projeto, contemplado pelo Edital Elizabete Anderle da Fundação Catarinense de Cultura, tem como objetivo representar e tornar conhecida, por meio de uma exposição itinerante, a história, os costumes, a cultura e o modo de vida dos caboclos. Identificou-se, por meio de pesquisa de campo, documental e de objetos, como viviam e quais as principais tradições, festas, brincadeiras e os costumes dos caboclos que, há mais de um século, chegaram na região Oeste de Santa Catarina.

**Palavras-chave:** Oeste Catarinense; salvaguarda; patrimônio cultural imaterial; Museu Histórico de Pinhalzinho/SC.

---

<sup>1</sup> Licenciada em História e Pedagogia e pós-graduada em Gestão Escolar e Ciências Sociais. É coordenadora e responsável pelos projetos, exposições itinerantes, permanentes e acervo museológico do Museu Histórico de Pinhalzinho, SC.

<sup>2</sup> Autores do projeto aprovado pelo edital Elizabete Anderle de Estímulo a Cultura 2010 da Fundação Catarinense de Cultura. Casa de Chão Batido: representação da história dos caboclos do Oeste de Santa Catarina, 2010.

## Introdução

O Museu Histórico de Pinhalzinho foi criado em 3 de setembro de 1988. É uma instituição pública municipal vinculada à Fundação Municipal de Esporte e Cultura (FMEC), mantida pela Prefeitura Municipal de Pinhalzinho/SC.

A finalidade do Museu Histórico é guardar e preservar a memória da comunidade local e regional, representada em fotos, objetos, documentos e depoimentos orais, que representam as experiências do processo de formação do município e da região Oeste Catarinense.

Desde 2006, a instituição tem se destacado no registro e na salvaguarda do patrimônio cultural popular do Oeste Catarinense. A fim de viabilizar suas ações, o Museu capta recursos por meio de editais de fomento a projetos socio-culturais e os realiza em parceria com instituições culturais, departamentos de cultura, museus, instituições de ensino, secretarias de educação, secretarias de saúde, secretarias de assistência social, grupos informais, mestres e detentores de saberes da Região Museológica Oeste Catarinense.

Desse modo, para a viabilização do projeto “Casa de chão batido: representações da história dos caboclos do Oeste de Santa Catarina”, após coleta das informações, elas foram sistematizadas, catalogadas e fundamentaram a elaboração de uma exposição itinerante composta por 15 *banners* explicativos (fotos, documentos e textos), objetos de uso cotidiano e a confecção da réplica de uma casa representando o estilo de residência na qual os caboclos viviam até meados da década de 1960 no Oeste de Santa Catarina.

A exposição itinerante foi apresentada em forma de Oficina de Educação Patrimonial, com aula expositiva e atividades relacionadas à história dos caboclos e da colonização do Oeste de Santa Catarina, aos alunos de Ensino Fundamental e Médio das escolas da rede pública estadual e municipal dos municípios de Pinhalzinho e Modelo.

Por fim, a Casa de Chão Batido, *banners* e demais objetos da exposição foram doados ao Museu Histórico de Pinhalzinho e, atualmente, fazem parte da exposição de longa duração da instituição.

Destacamos, também, nosso agradecimento às instituições que apoiaram o desenvolvimento do projeto: Fundação Catarinense de Cultura, Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esportes, Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM), Museu Histórico de Pinhalzinho e, especialmente, aos entrevistados que nos receberam muito bem em suas casas e relataram com precisão muitas histórias.

### Oeste catarinense – breve história e localização

Os estudos e as pesquisas realizados sobre o Oeste de Santa Catarina<sup>3</sup> demonstram que a ocupação da região ocorreu em três fases, cada uma com atividades econômicas distintas: “a fase indígena, que se deu até meados do século XIX; a fase cabocla, que a sucedeu e miscigenou-se; e a fase da colonização, caracterizada pela vinda de pessoas de origem alemã, italiana e polonesa, basicamente do Rio Grande do Sul” (POLI, 1995, p. 73-74).

O processo efetivo de colonização do Oeste de Santa Catarina teve início após a Guerra do Contestado e depois de definida a questão dos limites entre os estados do Paraná e Santa Catarina. Assim, em 25 de agosto de 1917, o governo catarinense criou, por meio da Lei 1.147, quatro municípios: Chapecó; Cruzeiro; Porto União e Mafra.

Nesse sentido, a partir da década de 1920, a colonização do Oeste Catarinense foi impulsionada pelos migrantes rio-grandenses (gaúchos) atraídos pelas oportunidades de negócios e pela fartura de terra que existia na região. Além disso, os imigrantes italianos, alemães, poloneses, russos – em pequenas levas – também fizeram parte do processo de colonização da região.

Em relação aos gaúchos que migraram para o Oeste de Santa Catarina, geralmente eram casais recém-constituídos, famílias com dois, três, cinco, dez

---

<sup>3</sup> Oeste Catarinense é a área que compreende as microrregiões de São Miguel do Oeste, Chapecó, Xanxerê, Joaçaba e Concórdia.



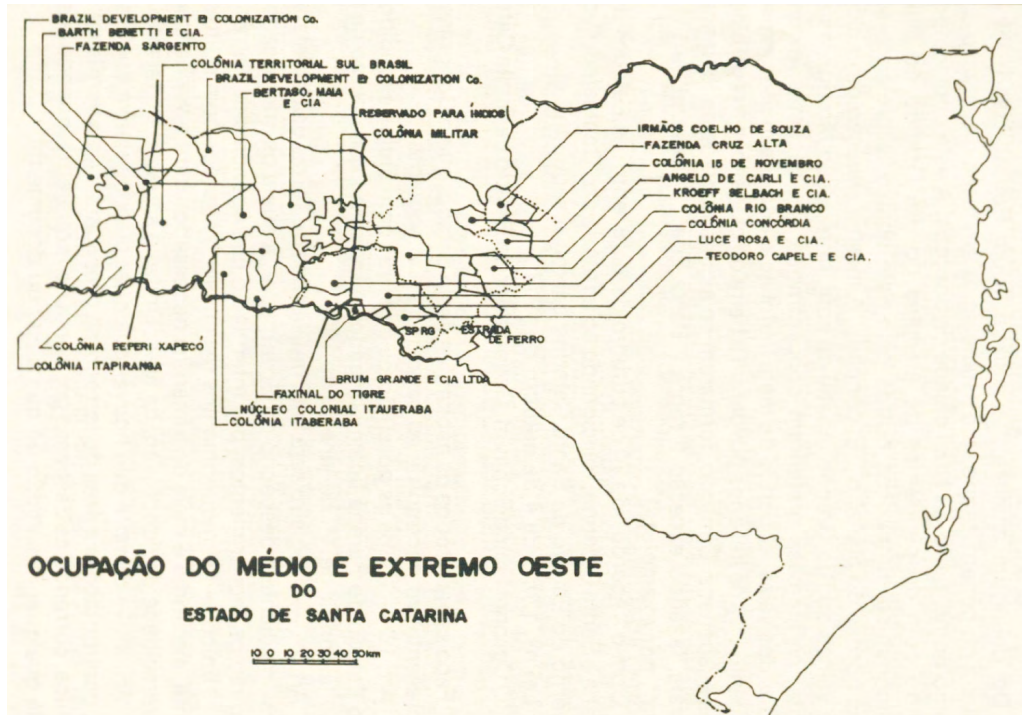
Figura 1: Mapa dos municípios de Chapecó e Cruzeiro (atual Joçaba).

filhos, que almejavam oportunidades de negócios ou melhoria da condição de vida, tendo em vista a oferta abundante de terra, por parte das Companhias Colonizadoras da região, a fertilidade do solo e a possibilidade de usar a madeira para o comércio e a construção da residência e benfeitorias da propriedade.

Em Pinhalzinho, Modelo e municípios próximos, a Companhia Colonizadora Sul Brasil foi a responsável pela venda dos lotes de terra que apresentavam em média 25 a 35 hectares cobertos de mata nativa da região, inclusive o pinheiro, que inspirou o nome do município de Pinhalzinho. Segundo Werlang (2006, p. 61): “A propaganda era feita em jornais e revistas, como a Volksblatt e a Paulusblatt. A mais eficiente, no entanto, foi a do convencimento pessoal, feita pelos agentes vendedores de terra, denominados de propagandistas”.

A Companhia Territorial Sul Brasil, constituída em 23 de maio de 1925, era formada por 14 acionistas, com sede em Porto Alegre, e possuía uma área de terra de 2.467.074.800 metros quadrados, demarcados em forma de mais de 1.200 lotes, dos quais 510 eram urbanos, 685 coloniais e 80 chácaras. O Escritório da

Cia. Colonizadora Sul Brasil estava localizado em Palmitos (Linha Passarinhos) (dados disponíveis em WERLANG, 2006).<sup>4</sup>



**Figura 2:** Mapa da Ocupação do Médio Extremo Oeste de Santa Catarina. Demonstra a área de abrangência da Companhia Colonizadora Sul Brasil.

As Companhias Colonizadoras, quando iniciaram o processo de colonização da região, sabiam da existência de centenas de famílias de grupos indígenas

<sup>4</sup> Para saber mais sobre o processo de colonização e ocupação de Chapecó e da região ver: BELLANI, Eli M. *Madeiras, balsas e balseiros no rio Uruguai: processo de colonização do velho município de Chapecó*. Florianópolis: Ed. Grifos, 1991; RENK, Arlene. *A luta da erva: um ofício étnico no Oeste de Santa Catarina*. Chapecó: Grifos, 1997; NODARI Eunice. *A renegociação da etnicidade no Oeste de Santa Catarina (1917-1954)*. 1999. Tese de doutorado Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

e caboclos que nesse processo foram forçados a rearranjar seus modos de vida, estruturas socioculturais, políticas e econômicas, tendo em vista o projeto colonizador idealizado pelas autoridades públicas, após a Guerra do Contestado.<sup>5</sup>



Figuras 3 e 4: Caboclos do Oeste de Santa Catarina.

---

<sup>5</sup> A Guerra do Contestado foi um movimento social, político e religioso de origem rural que ocorreu no interior do estado de Santa Catarina e do Paraná, entre 1912 e 1916. Para saber mais sobre a Guerra do Contestado, ver: AURAS, Marli. *Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1995; MACHADO, Paulo P. *Lideranças da Contestado*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

Os caboclos, como não possuíam o título da terra, foram se adaptando à nova realidade, a princípio envolvendo-se nos trabalhos de arrastador de toras, serrador, balseiro, abrindo estradas e, posteriormente, os que conseguiram adquirir um lote de terra se estabeleceram, mas, a maioria deles, foi mudando de lugar em lugar para o campo ou cidade. De acordo com Jaci Poli (1995, p. 74) os caboclos eram:

Quase sempre pobres, raramente proprietários de terras que exploravam, estes caboclos desbravaram os sertões, embora, via de regra, seja menosprezada a importância de sua contribuição, por terem uma filosofia de vida divergente com a dominante nas atuais comunidades.

Nas figuras 3 e 4, podemos perceber como era o local de moradia, o modo de se vestir, as características de uma casa de chão batido e uma das formas de trabalho que envolvia os caboclos da região.

### Os caboclos e sua origem

[...] para ser considerado ou classificado como caboclo, precisa apenas ter sido criado no sertão, ter hábitos e comportamento de sertanejo e pele de cor mais ou menos escura; a grande maioria dos caboclos era o que se poderia classificar de pobres, possuíam 5, 6 ou, no máximo, 8 alqueires de posse; viviam em ranchinhos de pequenos troncos, cobertos com folhas de bambu. Muitos cobriam com taboinhas lascadas, normalmente de pinheiro, por serem mais fáceis de rachar. O assoalho só apareceu depois da instalação das serrarias pois, até a década de trinta, [...] geralmente possuíam cavalo encilhado, roupa para vestir nos domingos (domingueira), duas pistolas e facão [...] (WACHOWICZ, 1985, apud POLI, 1995, p.98).

O caboclo do oeste catarinense não é considerado simplesmente de origem do cruzamento racial puro, mas do cruzamento de indivíduos já miscigenados. Basicamente, o caboclo é conceituado como luso-brasileiro, de cor morena,

chamado de “negro” pelos colonizadores. A grande maioria chegou na região por volta do final do século XIX oriunda principalmente do Rio Grande do Sul, lembrando, também, que muitas famílias são descendentes de remanescentes da Guerra do Contestado. De acordo com Arlene (2006, p.106):

A população ‘nômade’, além dos excedentes de Lages e Palmas, era acrescida por aventureiros, ex-trabalhadores da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, das revoluções de 1893 e 1923; expropriados do Rio Grande do Sul, pela frente de expansão do noroeste daquele estado; ex-peões de estância que, com o declínio da pecuária, passaram à atividade extrativa. Esta população que se deslocou para a área miscigenou-se com a população indígena local.

A miscigenação que gerou a maioria de nós também gerou o caboclo típico do Oeste de Santa Catarina, que apresentava costumes, cultura e modo de vida organizado de acordo com a condição de subsistência de cada família e as crenças que foram sendo repassadas pela tradição oral – cantorias, costumes, benzimentos, festas, estórias – mantidas de geração para geração.

## Cultura, costumes e modo de vida

Os caboclos, inicialmente, ocuparam as áreas de mata e dedicaram-se à atividade extrativa, voltada à pequena lavoura, criação de animais, basicamente para o consumo doméstico, extração da madeira e da erva-mate. “Para esta população, a relação de apropriação do solo era por meio da posse” (RENK, 2006, p. 106).

A roça cabocla, praticada em pequena escala, era geralmente longe de casa, próximas aos cursos d’água e consistia na derrubada da mata, queima e plantio nas cinzas. Em cada safra esse processo era repetido em um novo local, abandonando-se a área cultivada anteriormente. Os animais – galinhas, porcos, bovinos e cavalos – eram criados soltos, geralmente próximo às residências (RENK, 2006).

Entre os produtos plantados, destacam-se o milho, o feijão, a abóbora e a batata-doce, transportados com cargueiros puxados pelas mulas ou por cestos de taquara confeccionados artesanalmente. Um ritual comum entre os caboclos era o puxirão, uma forma de ajuda mútua e manifestação de solidariedade entre vizinhos, parentes ou amigos. José Irineu E. dos Santos (2010), que é de origem cabocla, nasceu em Nonoai/RS e veio morar em Pinhalzinho em 1956 relata a importância do puxirão:

Era comum nessa época reunir várias pessoas, famílias ou vizinhos e fazer uma espécie de mutirão, puxirão que chamavam na época, pra fazer o plantio. Depois iam pra outra propriedade. Era uma ajuda mútua entre as pessoas conhecidas. Se fazia muito isso também quando alguém tinha uma necessidade maior, doença na família, na colheita.... Aí reunia a vizinhança e fazia o mutirão, colhia o produto e resolvia o problema, fazia mais rapidamente.

O trançado era praticado entre os caboclos e um costume passado de geração para geração. Do trançado de couro de boi fabricavam-se rédeas, freio de cavalo, cordas e bruacas. Já do trançado de cipós de Guajuvira, de Araticum, de Imbé produzia-se sogas para prender os animais.

Dona Jandira Alves (2009) que é de origem cabocla, casada, nasceu em 1951 veio morar em Pinhalzinho em 1962, fundadora do Clube de Mães do bairro Maria Terezinha relata com precisão os procedimentos para curtir o couro de boi:

Esse trançado eles cortava o coró, raspava bem o coró de, quando carneava a criação eles dexava o coró curti, esticado assim. Depois cortava bem fininho o coró e daí aparta bem, dexava de moio e daí secava de novo, dexava de moio de novo, depois fazia o trançado, tinha o trançado com oito, tinha com seis e tinha com mais que um e daí a, as soitera, fazia rédeia [...] faziam tudo com o trançado. ALVES, Jandira. Entrevista concedida ao Museu Histórico de Pinhalzinho/SC, 22 de outubro de 2009.

Os caboclos da região geralmente andavam a cavalo e usavam roupas tipicamente gaúchas: lenço, bombachas, chapéu. As figuras 5 e 6 demonstram o modo de se vestir e um passeio a cavalo muito comum na época.



**Figuras 5 e 6:** Caboclos que residiam em Pinhalzinho.

As primeiras casas de caboclos que foram construídas na região eram geralmente feitas com madeira lascada, telhado de tabuinhas, janelas de madeira e o assoalho era de chão batido.

“Benção meu pai, a benção minha mãe!”

Pedir a benção dos tios, avós e dos pais antes de dormir, ao acordar ou quando os familiares se visitavam era muito comum entre os integrantes das famílias de origem cabocla. De acordo com José I. E. dos Santos (2010), que era de origem cabocla, nascido em Nonoai/RS, veio morar na Linha Machado interior de Pinhalzinho em 1956. “Isso era uma característica que marca muito a família dos brasileiros, esse respeito, essa consideração pelos pais e repassado também ao professor da época. Na forma de *olhar*, somente do pai e da mãe, você já sabia: é por aqui, tenho que me comportar, senão...”. Assim, percebe-se que a religiosidade e o respeito pelos mais velhos estavam presentes nas relações familiares e na composição hierárquica da família. No período anterior à colonização, os brasileiros praticavam o catolicismo popular devido à distância das igrejas dessas comunidades. Assim, os batizados eram realizados em casa e os casamentos eram concebidos sem a benção do padre. De acordo com Renk (2006), a carência do clero era suprida pelas figuras dos monges que percorreram a região no final do século XIX e início do século XX, especialmente João Maria e José Maria.

Entre as crenças e práticas cotidianas, o benzimento e as superstições faziam parte do imaginário da cultura cabocla, com uma riqueza de personagens e crenças que são lembradas por meio dos depoimentos orais, pertencentes ao acervo oral e documental do Museu Histórico de Pinhalzinho, que foram coletados para a realização desta pesquisa. Como relata o Sr. Zeferino da Silva, que era de origem cabocla nascido em Sarandi/RS e que veio morar em Santa Catarina na década entre 1950/1960:

E tinha gente que sabia fazer simpatia, porque Deus dexa tudo no mundo. Não tem a Bíblia hoje que explica qual a idade, tem as coisa que Deus dexa. Então tinha gente só

fazia simpatia pa mordida de arranha, pa mordida de cobra, pa um rendido – que se levanta e se machuca por causa da carne – você pega uma aguía e custura, faz tudo aqueles pedido e por lá e por cá, se apronta um temporal. (SILVA, Zeferino da. Entrevista concedida a Luiz Fernando Ferrari e Márcio L. Rodrigues. Depositado no Museu Histórico em 10 de setembro de 2009).

## Considerações finais

O projeto “Casa de Chão Batido” objetivou recriar a história, a memória e a trajetória de várias famílias de origem cabocla que viveram e ainda vivem no Oeste de Santa Catarina. São homens e mulheres simples, que revelam os traços da vivência experienciada nas primeiras décadas da colonização do Oeste de Santa Catarina.

Pode-se perceber que muitos relatos e características peculiares da cultura cabocla foram se entrelaçando e renegociados de acordo com as necessidades de cada família. No transcorrer do tempo, os costumes e a própria etnicidade foram sendo rearranjados de acordo com as condições e necessidades peculiares de cada família ou grupo social.

Por fim, é importante salientar, em breves palavras, relatos e imagens, que se objetivou representar os traços culturais, as tradições e os costumes característicos da cultura cabocla do Oeste de Santa Catarina.

Fonte das imagens apresentadas no artigo: Figuras 1, 2, 3 e 4: Acervo CEOM - Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina; Figuras 5 e 6: Acervo do Museu Histórico de Pinhalzinho.

## Referências bibliográficas

- CEOM. *Inventário da cultura imaterial cabocla no Oeste de Santa Catarina*. Chapecó/SC: Argos, 2008.
- POLI, Jaci. “Caboclo: pioneirismo e marginalização”. *Cadernos do CEOM*. Para uma história do Oeste catarinense: 10 anos de Ceom. Chapecó/SC: Unoesc, 1995,p.71-110.
- RENK, Arlene. *A luta da Erva: um ofício étnico da nação brasileira no Oeste Carinense*. 2. ed. rev. Chapecó/SC: Argos, 2006.
- WERLANG, Alceu Antônio. *Disputas e ocupação do espaço no Oeste Catarinense: a atuação da Companhia Territorial Sul Brasil*. Chapecó/SC: Argos, 2006.



**Fundação Vera Chaves Barcellos**

# Sala dos Pomares: experiências em arte contemporânea e sua contribuição educativa

Maria Margarita Santi Kremer<sup>1</sup>

Yuri Alexander Figueiredo Flores Machado<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo apresenta as atividades desenvolvidas em 2013 e 2014 pelo programa educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos. O programa educativo promove edições semestrais do Curso de Formação Continuada em Artes e realiza a distribuição gratuita do material educativo. Por fim, mantém as visitas mediadas às exposições realizadas na Sala dos Pomares, atendendo a diversos públicos.

**Palavras-chave:** Fundação Vera Chaves Barcellos; formação docente; material educativo.

---

<sup>1</sup> Arte-educadora e artista visual, bacharel em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É coordenadora educativa da Fundação Vera Chaves Barcellos desde 2014.

<sup>2</sup> Graduado em História da Arte pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Realiza as suas atividades profissionais junto ao Programa Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos, escrevendo publicações e conteúdo para os materiais educativos da instituição, sendo o responsável pelo Centro de Documentação e Pesquisa da FVCB.

A Fundação Vera Chaves Barcellos (FVCB) é uma entidade cultural privada e sem fins lucrativos que tem como missão a preservação, a pesquisa e a difusão da obra da artista Vera Chaves Barcellos, assim como o incentivo à criação artística e à investigação da arte contemporânea. A instituição mantém a realização de uma programação regular de exposições, o estímulo à pesquisa, debates, seminários e projetos editoriais. A programação conta com duas exposições regulares e gratuitas ao ano, que trazem ao público sempre novo olhar sobre o acervo da instituição e, eventualmente, obras de artistas convidados. As mostras são acompanhadas de atividades paralelas com o intuito de dar suporte ao debate da arte contemporânea. A Fundação dispõe, ainda, de rico acervo documental sobre arte contemporânea, aberto à pesquisa pública em seu Centro de Documentação e Pesquisa, na região central de Porto Alegre.

O programa educativo da FVCB, iniciado em 2011, foi instituído com base nas ações sistemáticas de reflexão e de prática já adotadas pela instituição e que exploram temas e conceitos das exposições que realiza atualmente, uma a cada semestre com o seu respectivo programa. Por meio de encontros com os artistas, com os pesquisadores e com os especialistas, além do desenvolvimento de formas de mediação à altura do potencial educativo dos conteúdos que produz, o programa educativo da FVCB introduziu uma inovação na forma de capacitação docente das redes de ensino público e privado por meio da oferta de um curso permanente de atualização no ensino das artes.

Em 2013, o programa foi agraciado com o Prêmio Darcy Ribeiro em sua quinta edição, o que permitiu ampliar a abrangência do trabalho, estendendo inclusive a formação docente em outros municípios da nossa área de atuação. Assim, no presente artigo, apresentamos as atividades e os relatos de algumas das experiências no período de 2013 até 2014.

Após dois anos do programa educativo e em virtude dos excelentes resultados obtidos durante as exposições em 2012, “Des|Estruturas” e “Julio Plaza Construções Poéticas”, decidimos aprimorar os nossos desafios tanto nas dinâmicas das visitas com os alunos quanto na formação docente. Iniciamos 2013 com o programa para a exposição “Limites do Imaginário”, apresentada de abril a julho, com o seguinte questionamento: se as fronteiras das práticas artísticas

estão se confundindo com as experiências de outras áreas do conhecimento e se os artistas se veem diante das possibilidades cada vez maiores de uso de recursos diferenciados, haverá ainda algum tipo de limite intransponível? No texto curatorial de Neiva Bohns, Diretora Cultural da FVCB, para o catálogo da exposição, o título era um questionamento paradoxal para os dias de hoje: se o universo está em expansão, de que limites estamos falando? Na organização da mostra, procuraram-se obras no acervo da FVCB que se caracterizassem não pela semelhança entre si, mas pela diversidade de recursos e linguagens empregadas. Essa liberdade de escolha foi inspiradora para as atividades desenvolvidas, tanto com os professores, como com os alunos participantes do programa educativo. Nesse semestre, tivemos a oportunidade de ampliar o programa, quando visitamos a Secretaria Municipal de Alvorada e distribuímos o material educativo para todas as escolas, recebendo alunos de duas escolas do município na Sala dos Pomares. A interação dos professores das áreas das ciências naturais com as obras como as de Lia Menna Barreto, Rosângela Rennó, Walmor Corrêa, Michael Chapman, Nelson Wiegert foi o destaque dos trabalhos realizados com os alunos após as visitas à Sala dos Pomares.

No segundo semestre de 2013, realizamos a primeira mostra individual da artista Vera Chaves Barcellos, “Inéditos ou quase”, com ampla repercussão no programa educativo, obtendo, assim, maior número de professores e escolas participantes. Para essa edição, o material educativo foi distribuído em formato de CD-ROM e por meio de aulas presenciais no curso de formação continuada em artes, com encontros realizados nas escolas, além da sede da Secretaria Municipal de Viamão.

O ano de 2014 iniciou com o projeto curatorial de Adolfo Montejo Navas, “Fotografia transversa”, correspondendo ao tema da 12ª Semana Nacional de Museus do Ibram: Coleções Criam Conexões. No âmbito específico da educação, colaboramos com o Programa Nacional Biblioteca da Escola, ocasião em que foram doados catálogos sobre a obra da artista Vera Chaves Barcellos para as direções e para as coordenações pedagógicas, além dos materiais educativos e dos catálogos das exposições para as bibliotecas escolares da região, tanto no âmbito estadual como municipal, atendendo a totalidade das instituições.

O curso de formação docente e o material educativo “Fotografia transversa, o valor das imagens e percursos educativos possíveis” tiveram como meta a utilização da tecnologia de uma forma responsável, utilizando-a como ponto de partida (a máquina fotográfica, o celular e o computador) e localizando tal processo de transformação tecnológica no contexto social em que ele ocorre (em casa, na escola, no museu) e pelo qual se molda, sempre lembrando que a busca de identidade é tão poderosa como a transformação econômica, social e tecnológica no registro da nossa história. Com a exposição, as obras e os conteúdos propostos pelos artistas em que se utiliza de elementos do vocabulário fotográfico para abrir-se a outras estratégias representacionais de imaginários mais livres, tivemos oportunidade de responder a temas do currículo, mas com uma pedagogia da arte livre e criadora nos processos de assimilação e produção de imagens pelos estudantes. No decorrer do semestre, foram realizadas as formações no município de Gravataí, com a presença de professores das 172 escolas, duas formações na Sala dos Pomares, com os professores e profissionais das salas de recursos, uma com os diretores supervisores e pedagogos, e, finalmente, recebemos as visitas dos estudantes. Também realizamos o Fórum de Relatos das atividades dos professores em sala de aula com excelentes resultados, na sede da Secretaria Municipal de Gravataí.

No segundo semestre, a exposição “Um salto no espaço”, organizada a partir da obra de Yves Klein, “Um salto no vazio” de 1960, abordou o espaço de diversas maneiras, tanto em sua forma mais literal, a sua ocupação física, como de uma forma conceitual ou metafórica. Pudemos visualizar desde o espaço real à sua representação virtual, do espaço íntimo ao espaço urbano, do universo psicológico ao território social, da reconstrução ficcional ao documento do real, do cheio ao vazio, do sólido ao etéreo, da presença material ao jogo da imaginação. O programa educativo tomou como desafio fazer todos os visitantes e, principalmente, o público das comunidades escolares enxergarem a sua cidade e a si próprios, o espaço que ocupam ou que querem ocupar, por vários ângulos, passando a ter um olhar tão crítico quanto contemplativo do lugar em que vivem ou em que desejam viver. O nosso objetivo foi atingido satisfatoriamente, realizando um trabalho pedagógico instigante, oferecendo aos nossos



**Foto 1:** Atividade após a visita à exposição “Um salto no espaço”.

estudantes e aos professores nova perspectiva sobre o espaço, para que se tornem sujeitos do olhar e do habitar consciente. Durante os encontros do curso de formação continuada para os docentes, aprofundamos os processos de avaliação em arte/educação dos grupos participantes.

A interdisciplinaridade tem sido uma possível abordagem dos componentes curriculares, das áreas de conhecimento e dos temas contemporâneos em uma perspectiva integrada, tal como indicam as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Acolher significa garantir as aprendizagens propostas no currículo para que o aluno desenvolva interesses e sensibilidades que lhe permitam usufruir dos bens culturais disponíveis na comunidade, na sua cidade, e que lhe possibilitem, ainda, sentir-se como produtor valorizado desses bens. Ao lado disso, a escola e a Fundação Vera Chaves Barcellos são, por excelência, ambientes onde é possível ensinar e cultivar as regras do

espaço público que conduzem ao convívio democrático com as suas diferenças, orientado pelo respeito mútuo e pelo diálogo. São espaços onde os alunos têm condições de exercitar a crítica e aprender a assumir responsabilidades em relação ao que é de todos. Nas relações entre pensamento, arte, ação e imagem, marcamos a passagem de um regime representativo da expressão a um regime estético. Com a participação e o envolvimento dos alunos e dos professores de várias áreas do conhecimento, como física, química, matemática, história, filosofia e linguagens, conseguimos resultados muito satisfatórios nas produções em sala de aula. A formação do professor de arte tem de lidar com as complexas questões da produção, da apreciação e da reflexão do próprio sujeito, o professor, e das transposições das suas experiências com a arte para a sala de aula. Além dessa peculiaridade inerente ao objeto do conhecimento, é preciso, também, propiciar situações para que o professor possa conhecer os outros sujeitos do processo: as crianças, os jovens, os seus alunos. Entender como crescem e como relacionam-se com o meio social e cultural. Descobrir desejos, escutar as demandas concretas do aluno e do professor em seu cotidiano escolar.



**Foto 2:** Mediação da exposição Nervo Óptico: 40 anos.



Foto 3: Material educativo: A Condição Básica.

Fonte das imagens apresentadas no artigo: Acervo da Fundação Vera Chaves Barcellos. Crédito das fotos: Yuri Alexander Figueiredo Flores Machado.

## Referências bibliográficas

BARCELLOS, Vera Chaves. *Um salto no espaço*. Porto Alegre: Fundação Vera Chaves Barcellos, 2014.

BIBERG, Carolina (Org.). *Revista Pomares*, n. 3-4. Porto Alegre: Zouk/Fundação Vera Chaves Barcellos, 2011.

BOHNS, Neiva. *Limites do imaginário*. Porto Alegre: Fundação Vera Chaves Barcellos, 2014.

NAVAS, Adolfo Montejo. *Fotografia transversa*. Porto Alegre: Fundação Vera Chaves Barcellos, 2014.

## Material educativo

KREMER, Maria Margarita Santi. *Fotografia transversa, o valor das imagens e percursos educativos possíveis*. Viamão: Fundação Vera Chaves Barcellos, 2014.

\_\_\_\_\_. *Um salto na qualidade da educação com arte*. Viamão: Fundação Vera Chaves Barcellos, 2014.



**Museu Histórico e Pedagógico  
Washington Luís**

# Por uma identidade: memórias de Washington Luís em Batatais

Alessandra Baltazar<sup>1</sup>

**Resumo:** O projeto “Por uma identidade: memórias de Washington Luís em Batatais” corresponde a uma proposta de exposição integrada com ação educativa, intervenção urbana e atividade extramuros, sobre a história de Washington Luís. Ao comemorar 55 anos de sua criação, o Museu Histórico e Pedagógico Dr. Washington Luís realizou uma exposição inovadora com a utilização de recursos sonoros, audiovisuais e cenográficos, que contextualizaram a atuação de Washington Luís em Batatais, na área política, na social, na cultural e na econômica.

**Palavras-chave:** Museu Histórico e Pedagógico Washington Luís; memórias; museu; Batatais.

---

<sup>1</sup> Graduada em Arquitetura e Urbanismo, pós-graduada em Patrimônio teoria e projeto, em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico e em Arteterapia. É pesquisadora cultural da prefeitura municipal da estância turística de Batatais, sendo responsável pelo Museu Histórico e Pedagógico Dr. Washington Luís e pelo Centro de Documentação da II Guerra Mundial Cap. Enf. da FEB Altamira Pereira Valadares, nos quais desenvolve pesquisas, exposições e ações educativas desde 2001.

O projeto “Por uma identidade, memórias de Washington Luís em Batatais” foi desenvolvido em comemoração aos 55 anos do museu, pela equipe do Museu Histórico e Pedagógico Washington Luís, após reflexão crítica sobre o papel que o museu vinha desempenhando em relação à preservação da história de seu patrono.

Dessa forma, visando à convergência do tempo passado-presente-futuro no espaço museológico, tendo como foco a presença do Dr. Washington Luís em Batatais, foi desenvolvida uma ação educativa que proporcionava maior informação sobre a personalidade Washington Luís no contexto da cidade, possibilitando questionamentos sobre a dinâmica da história e suas discontinuidades.

Outro ponto importante que foi levantado pela equipe do educativo era a necessidade de fortalecer a identidade do museu como um dos pioneiros na rede de históricos e pedagógicos do estado de São Paulo, como também divulgar o patrimônio histórico remanescente do período em que Washington Luís viveu em Batatais, valorizando-o e promovendo sua preservação.

O principal objetivo do projeto foi despertar o interesse e fornecer o conhecimento sobre o personagem Washington Luís, envolvendo o público na história da cidade no final do século XIX e no início do século XX.

De acordo com SANTANA (2011, p.80):

[...] qualquer museu que pretende contribuir com o desenvolvimento local deve adotar uma política cultural pluralista e aberta com a população do entorno, mas não deve, entretanto, conduzi-la a interesses unilaterais e específicos das entidades, mas, sim, criar e induzir oportunidades para que se estabeleçam propostas de ações culturais convergentes e mutuamente positivas para todos os participantes.

Diante do exposto, a ação educativa proposta pelo museu procurou atender, além do tradicional público escolar, as entidades sociais da cidade, dando prioridade às instituições do entorno próximo, com o objetivo de criar maior vínculo de aproximação com as comunidades dos arredores.

Toda a ação foi planejada desde o convite para o público visitar o museu. A equipe do educativo desenvolveu nova forma de abordagem para convidar

as instituições a participar do projeto, com a execução de uma caixa surpresa com um convite de quebra-cabeças. A caixa surpresa despertava a curiosidade, relacionava a temática de comemoração do aniversário do museu e envolvia o público na montagem do convite quebra-cabeça que trazia informações tanto sobre os agendamentos quanto sobre o Dr. Washington Luís.



Foto 1: Caixinha Surpresa.

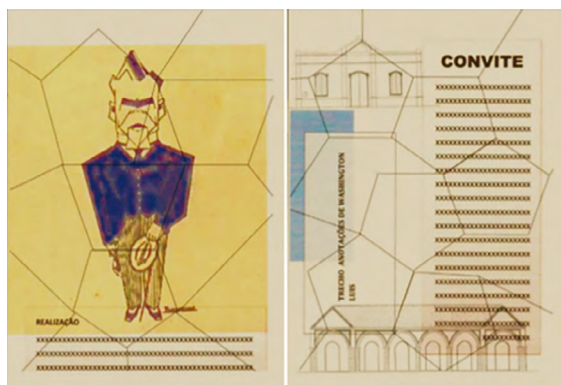


Foto 2: Modelo do convite quebra-cabeça.

Localizado na antiga Estação Mogiana, o museu possui um espaço dedicado a exposições temporárias (antiga bilheteria da estação) e todo o acervo relacionado a Washington Luís foi transferido para essa sala com cenografia elaborada para parecer que se tratava de uma viagem ao passado.

Para se ter acesso a essa sala, era preciso sair do museu, andar pela plataforma da estação e entrar por um túnel colorido feito por tecidos, como se fosse um “Túnel do Tempo”.

Por fim, para dar mais realidade a toda a história e ambientação, foi feita uma parceria com o ator Everton Garcia (Grupo Teatral Plenitude), para que ele representasse o personagem Washington Luís durante as visitas agendadas.



**Foto 3:** Mediadora conversando com o público no museu.

A ação educativa foi dividida em quatro etapas, sendo:

### **1) Encontro inesperado**

Ao chegar ao museu, o público era recepcionado pela equipe do educativo que fazia explanação sobre os 55 anos do museu, a história do personagem Washington Luís e sobre a constituição dos museus históricos e pedagógicos no estado de São Paulo. Durante a conversa, a mediadora era interrompida pelo som de trem e, de repente, entrava pelos fundos da sala o ator/personagem Washington Luís, elegantemente trajado observando o acervo do museu, à procura de seus pertences. A fala da agente educativa é interrompida para atender ao novo visitante que se apresenta como Washington Luís, o que causa grande satisfação a todos os presentes que estavam falando sobre ele antes de sua chegada. Explicando o motivo de sua visita, Washington Luís convida a todos para ajudá-lo a encontrar suas memórias.

Todavia, ao andar pelo acervo permanente do museu, ninguém encontra as lembranças do Dr. Washington Luís, a não ser uma placa que ficava fixada na fachada de sua residência e que foi retirada pelos proprietários que não desejam atribuir vínculo histórico à edificação. A busca pelos bens relacionados a Washington Luís foi em vão, e o patrono do museu ficava preocupado com o que podia ter acontecido com seus objetos e suas memórias.

Essa primeira etapa pretendia instigar a curiosidade do público sobre o personagem Washington Luís, estabelecendo a relação da cidade com o seu patrimônio e possibilitando uma exploração sobre a variedade do acervo do museu.

### **2) Túnel do tempo**

Mais uma vez o público escutava um barulho de trem acompanhado de outros sons vindos dos fundos da antiga estação. O ator/personagem Washington Luís, ao ouvir o barulho do trem, convida o público a procurar seus objetos seguindo o som em outro local e, assim, todos são conduzidos para a plataforma dos fundos onde estava montada uma instalação de tecidos coloridos formando o Túnel do Tempo.



Fotos 4, 5 e 6: Washington Luís e o público seguem para o Túnel do Tempo.

No Túnel do Tempo, o público passa por um caminho coberto por tecidos e com sons de vento, chuva, vozes, óperas, pássaros e outros barulhos que remetem a uma viagem ao passado.

### 3) Memórias de Washington Luís

No final do Túnel do Tempo, o público tinha acesso a uma entrada para a Sala das Memórias, onde estavam os objetos relacionados ao período em que Washington Luís viveu em Batatais. Móveis, fotos, roupas, cartas, maquetes, quadros e documentos distribuídos pela sala com cenografia apropriada representando o final do século XIX. Washington Luís (personagem) se entusiasmava com a possibilidade de recordar e relatar seus feitos em Batatais e convidava o público a conhecer seus pertences.



**Foto 7:** Washington Luís (personagem) explicando suas obras em Batatais por meio das maquetes.



Fotos 8 e 9: Público na sala com cenografia e ambientação sobre as memórias de Washington Luís.

#### 4) Animação

Neste momento, o público assistia à projeção do desenho animado feito especialmente para o projeto, pelo designer e ilustrador João Edno Filho, sobre a história do Washington Luís em Batatais.



Fotos 10 e 11: Washington Luís (personagem) com o público assistindo à animação sobre sua história.

Washington Luís ficava maravilhado com todas aquelas lembranças, explicava um pouco mais sobre suas obras na cidade e seus pertences e depois se

despedia do público, dizendo que agora ele gostaria de ficar sozinho em companhia de suas lembranças.

## Ateliê Criativo

O público era convidado para retornar à plataforma da estação, onde realizavam uma oficina de mosaico sobre as edificações relacionadas ao período de Washington Luís em Batatais, sendo: sua residência, o Grupo Escolar Washington Luís e a antiga prefeitura. Os mosaicos eram feitos em placas que formaram um painel itinerante sobre o patrimônio arquitetônico da cidade.



Fotos 12, 13 e 14: Público fazendo os mosaicos sobre as obras de Washington Luís em Batatais.



Foto 15: Um desenho que representa a experiência oferecida pelo museu.

## Extramuros

A partir do mês de agosto de 2012, o mesmo público que participou das atividades no museu em maio era convidado a participar de um passeio pelo centro histórico de Batatais, denominado “Roteiro Washington Luís”.

Podemos afirmar que o projeto proporcionou interação lúdica do público com o personagem Washington Luís, possibilitando que o cidadão comum encontrasse traços de sua identidade no acervo do museu e na história de Batatais.

O público escolar geralmente retornou ao museu com seus familiares e abordou as agentes da equipe educativa do museu na rua, lembrando a visita e a presença do museu como parte da identidade da cidade.

Dessa forma, por meio de uma experiência reflexiva e lúdica, o público foi convidado a observar, interagir e (re)interpretar os objetos relacionados à história de Washington Luís, em uma perspectiva que viabiliza a construção do conhecimento, a criatividade e o exercício da cidadania.



Foto 16: Passeio monitorado "Roteiro Washington Luís".

Também foram desenvolvidas formas de avaliação para essa atividade, sendo que a primeira forma de avaliação do projeto ocorreu simultaneamente durante a comunicação educando/educador em que o público participava espontaneamente na troca de informações com o ator/personagem Washington Luís, constituindo vínculo entre o passado e o presente.

A equipe do educativo também desenvolveu outras formas de avaliação do projeto de acordo com a faixa etária do público, como a criação de um desenho sobre a visita ao museu, a ilustração de um folheto em forma de gibi ou a elaboração de uma carta para o patrono do Museu.

A prática de avaliação adotada foi baseada na reflexão que permitia analisar, de maneira crítica e sistemática, o desempenho das ações educativas possibilitando constantes modificações e adaptações, a fim de garantir a interação, a comunicação e a aquisição de novos conhecimentos.

### **Acessibilidade e democratização promovidas pela ação**

Toda ação educativa desenvolvida pelo museu foi acompanhada do processo de inclusão social, indo além dos aspectos físicos das barreiras arquitetônicas,

propondo novas formas de abordagem e participação efetiva de todo tipo de público. O museu recebeu públicos especiais da rede municipal (crianças com baixa visão ou cegas) além da Apae e CAPS (Saúde Mental), proporcionando condicionantes de acessibilidade física (rampa e áreas planas sem alteração de níveis), sensorial (uso de efeitos sonoros e olfativos para contextualizar os espaços), cognitivos e atitudinais, principalmente na interação com o ator.

A forma de exposição reduziu aspectos de comunicação visual de imagens e texto, adaptando ao máximo todo o acervo para o toque e a utilização de maquetes.

Ao final das atividades iniciadas em maio de 2012 e encerradas em novembro do mesmo ano, pudemos concluir que o museu atingiu seu objetivo de se inserir como um espaço de cultura, lazer e convívio social integrado com a sociedade.

Fonte das imagens apresentadas no artigo: Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Washington Luís. Crédito das fotos: Eveline Bergamini Rodrigues.

## Referências bibliográficas

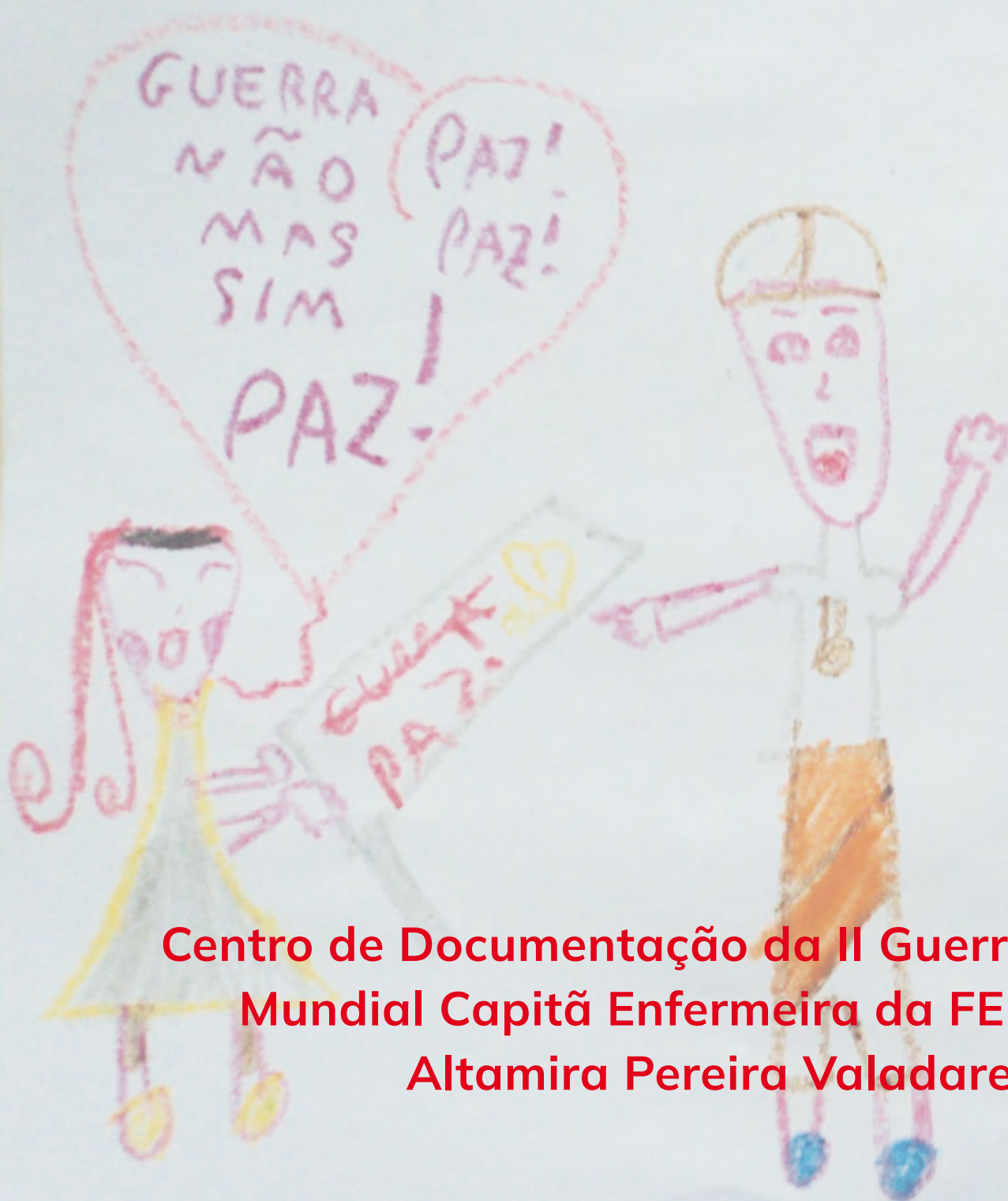
MENESES, Ulpiano Bezerra de. “Educação e museus: sedução, riscos e ilusões”. In: *Ciências e letras*, Porto Alegre, n. 27, p. 991-101, jan./jun.2000.

MISAN, Simona. “Os museus históricos e pedagógicos do estado de São Paulo”. In: *Anais do Museu Paulista* [on-line], vol. 16, n. 2, p. 175-204, 2008.

PEREIRA, Robson Mendonça. *Washington Luís e a modernização de Batatais*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.

SANTANA, Cristiane Batista. *Para além dos muros: por uma comunicação dialógica entre museus e entorno*. Brodowski: ACAM Portinari; Secretaria de estado da Cultura de São Paulo. São Paulo, 2011.

TOJAL, Amanda. “Inclusão social de públicos especiais em museus e instituições culturais”. In: *Semana dos Museus da Universidade de São Paulo*, n.5. - Ações afirmativas em museus: educar e preservar. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.



Centro de Documentação da II Guerra  
Mundial Capitã Enfermeira da FEB  
Altamira Pereira Valadares

# Fronteiras

Alessandra Baltazar<sup>1</sup>

**Resumo:** Ação educativa a partir da integração entre criação artística, guerras e memória, levando o público a conhecer e refletir sobre as histórias de pessoas comuns que, muitas vezes, escreveram na fronteira entre a vida e a morte, durante conflitos bélicos.

**Palavras-chave:** arte; cartas; guerra; Centro de Documentação da II Guerra Mundial Capitã Enfermeira da FEB Altamira Pereira Valadares.

---

<sup>1</sup> Graduada em Arquitetura e Urbanismo, pós-graduada em Patrimônio teoria e projeto, em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico e em Arteterapia. É pesquisadora cultural da prefeitura municipal da estância turística de Batatais, sendo responsável pelo Museu Histórico e Pedagógico Dr. Washington Luís e pelo Centro de Documentação da II Guerra Mundial Cap. Enf. da FEB Altamira Pereira Valadares; nos quais desenvolve pesquisas, exposições e ações educativas desde 2001.

A ação educativa “Fronteiras” foi elaborada pela equipe do Centro de Documentação da II Guerra Mundial Capitã Enfermeira da FEB Altamira Pereira Valadares (anexo ao Tiro de Guerra 02-047 de Batatais/SP) como parte das atividades da Semana Nacional de Museus e comemorações do Dia da Vitória, ambos no mês de maio de 2011.

Visando garantir e ampliar o acesso aos bens culturais, o projeto teve como objetivo geral fomentar um diálogo entre cultura, arte, memória e educação, por meio de ações educativas que promovessem a construção de conhecimento e o exercício da cidadania.

O ponto de partida para o planejamento de todas as ações foi o livro *Cartas do Front*, de Andrew Carroll (2007), que contém uma coletânea com mais de 150 cartas originais de soldados e civis que participaram ativamente nos mais diferentes conflitos da história, desde as cartas manuscritas durante o Motim dos Sepóis em 1857 até os e-mails trocados sobre os ataques terroristas no Iraque em 2003.

O termo "fronteiras" foi escolhido pela equipe do Centro de Documentação como o tema norteador para a montagem da exposição e elaboração das ações educativas. Tal escolha visava proporcionar um leque de opções na investigação dos fatos do passado para melhor compreensão do presente e do futuro, por meio de um diálogo entre história, arte e educação.

Após a leitura do livro *Cartas do Front*, foram selecionadas nove cartas que foram entregues a nove artistas da cidade de Batatais: Sheila Dal Picolo (artista plástica), Valéria Giaxa (artista plástica), Fabíola Giraldi (professora de artes e artista plástica), Silvio Craco (carnavalesco), Leandro Siena (professor de artes e artista plástico), Célia Natalina (poetisa e artista plástica), Isabel Raphael (contadora de histórias, poetisa e artista plástica), Eveline Bergamini (educadora e fotógrafa) e Luciana Fortini (professora de pintura e artista plástica), para que se inspirassem nas correspondências e criassem um produto artístico com diversos materiais, utilizando como suportes malas antigas, maletas, bolsas ou caixas, já que nas malas podemos levar lembranças e objetos de uma vida que traz em si a experiência do decorrer do tempo.



**Foto 1:** Artistas Isabel, Sheila, Fabíola, Valéria, Eveline, Célia e Leandro na inauguração da exposição.

O conjunto formado pelas obras dos artistas foi exposto no Centro de Documentação e cada uma das cartas correspondentes foi colocada ao lado de sua obra, conforme podemos ver nas imagens que se seguem e alguns trechos das cartas.



**Foto 2:** Obra de Luciana Fortini.



Foto 3: Obra de Isabel Raphael.

Minha amada,

Retornei na noite passada de uma visita ao QG da brigada no alto das linhas, e, não importa quanto viva, jamais esquecerei essa experiência. Assisti ao mais aterrorizante pesadelo de uma que parece ter saído da imaginação de Dante ou Poe, inexprimível, completamente indescritível. Os 15 desenhos que fiz talvez lhe deem uma vaga ideia dos horrores, [...]

Olá, querido

Jason constantemente pergunta por você. Ele fala com você ao telefone (faz de conta) e pede para que sua mãe e eu façamos o mesmo, ele brinca com você (faz de conta de novo) e pergunta a seu respeito. Quando voltamos para casa, ele perguntou se fomos buscar você.



Foto 4: Obra de Valéria Giaxa.

Querido Conrad,

(...) Sinto-me muito estranha. Acredito que toda a angústia – uma angústia feroz – se esgotou quando soube pela primeira vez que estavas desaparecido e talvez jamais pudesse retornar. Agora me sinto triste – vazia – irremediavelmente sozinha – e aborrecida por causa do desperdício de uma vida tão maravilhosa, o desperdício de nossas duas vidas. Sei que estás morto. Primeiro o telegrama [...]

Minha Jeanne

Te manténs em dia com o mundo e suas mudanças, enquanto penso e vivo como se ainda fosse 1941 – um lapso de três anos. Me dizes que nada mudou, no entanto, quando voltar, te mostrarei as mudanças. Sê paciente comigo, deixe-me aproveitar o máximo, andar de elevador, vagar pelas ruas, aproveitar uma xícara de café, um doce, um sorvete, roupas limpas, [...]



Foto 5: Obra de Sheila dal Picocol.

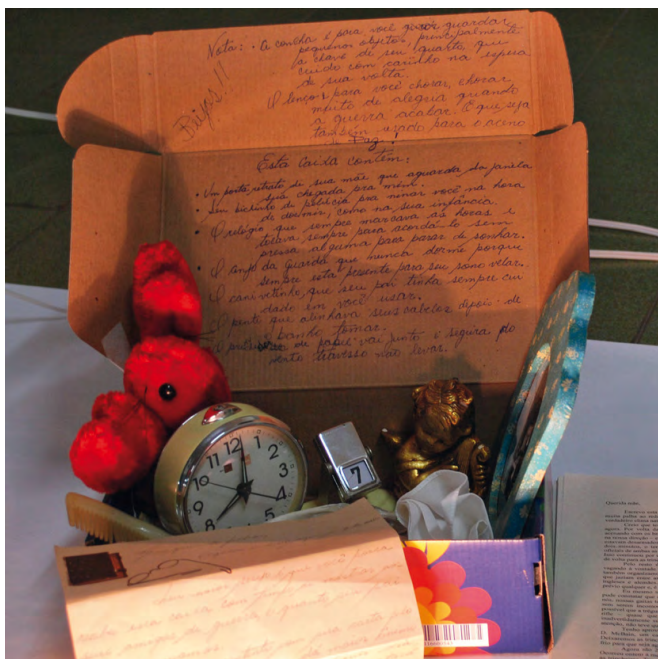


Foto 6: Obra de Célia Natalina.

Querida mãe,

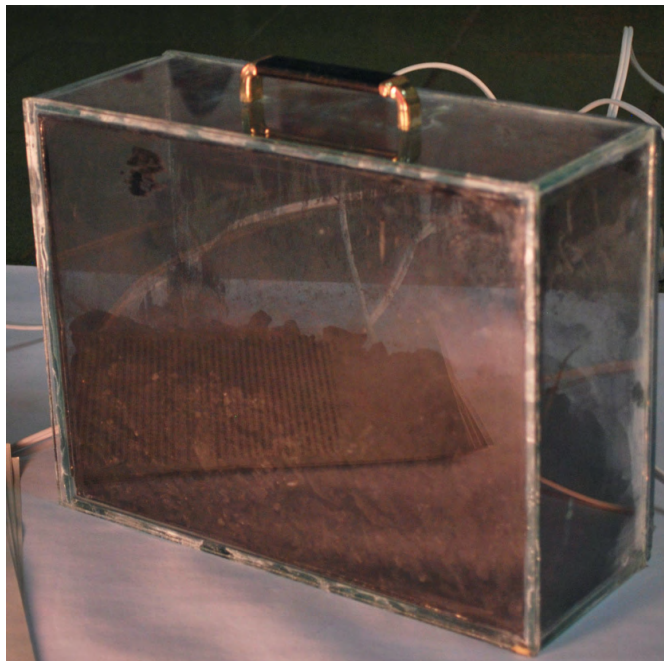
Escrevo esta daqui do meu lugar nas trincheiras. À luz de uma fogueira e com muita palha ao redor, está até confortável, embora o frio seja congelante como um verdadeiro clima natalino.

Creio que testemunhei hoje o mais extraordinário espetáculo que já se viu até agora.

Querida tia Khadija,

Fiquei muito contente quando recebi sua mensagem na semana passada. Estamos todos abatidos e desesperançados depois do incidente, mas mamãe está melhor, e acredito que superará a dor. Faris está melhor e os médicos dizem que, em dois meses, ele voltará a andar.

A senhora me pediu detalhes sobre o acidente, e, ainda que doloroso, irei lhe contar a respeito.



**Foto 7:** Obra de Leandro Henrique Siena.

Caro líder da companhia,

Eu, abaixo assinada, tenho um pedido a lhe fazer. Embora meu marido esteja em campo há apenas quatro meses, gostaria de solicitar que lhe fosse concedida uma licença, por causa de nossa relação sexual. Gostaria de ter meu marido uma única vez para satisfazer meus desejos naturais. Não posso mais viver desse modo.

Olá, querida tia Natasha. Uma saudação desde Leningrado.

Oh, tia Natasha, Gália e eu passamos por tanta coisa nesta guerra. Bombardeios, fome e, novamente, imundície e epidemias. Se eu escrevesse sobre tudo isso, duvido que acreditasse em mim.

Em 27 de setembro, tio Lyosha foi ferido. Em 24 de novembro, papai foi enterrado.

Meus queridos pais,

Se o céu fosse papel e todos os mares do mundo um tinteiro, ainda assim não seria capaz de descrever todo meu sofrimento e tudo o que vejo ao meu redor.

O campo está localizado numa clareira. Pela manhã nos obrigam a trabalhar na floresta. Meus pés estão sangrando porque levaram nossos sapatos [...]

Os temas das correspondências eram diversificados. Falavam de amor, saudade, desespero, medo, separação, esperança e destruição, sendo que as obras



Foto 8: Crianças observando as malas.

de arte externavam essas sensações, chamando a atenção do público para a leitura das cartas.

A partir das obras de arte criadas para a exposição, a equipe do educativo elaborou diferentes tipos de abordagens e de sequencias de atividades, respeitando o nível de conhecimento e aprendizagem do público, visando ampliar os espaços de diálogo e de apropriação dos bens culturais, além de proporcionar momentos de reflexão e de discussão acerca da realidade atual.

Para o público infantojuvenil, a ação educativa era iniciada com todos sentados em frente às obras de arte, sendo incentivados a pensar sobre as possíveis histórias que as mesmas carregavam.

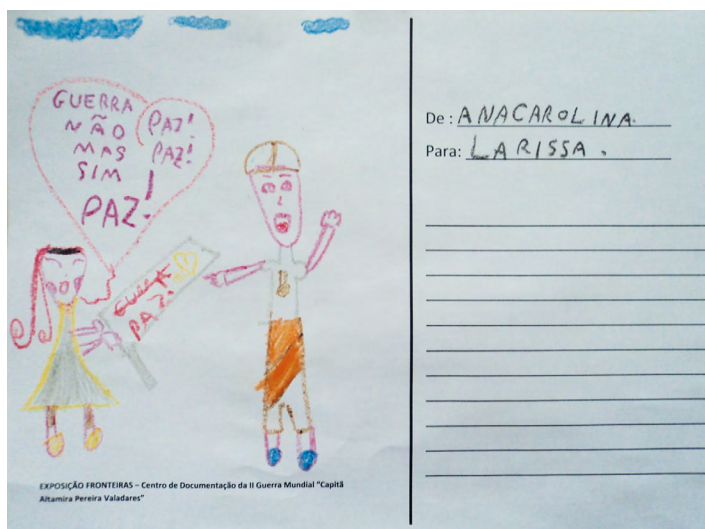
Como alguns temas são difíceis de serem compreendidos por crianças do ensino fundamental, em alguns casos, as mediadoras escolhiam as histórias das cartas que falavam da saudade entre pais e filhos e instigavam as crianças a refletir quanto foi o tempo maior que já estiveram longe de seus responsáveis e como era essa sensação.

A segunda parte da ação educativa acontecia na sala de instrução do Tiro de Guerra 02-047, onde era apresentado um vídeo de aproximadamente quatro minutos com imagens de crianças de territórios em conflitos armados neste século XXI.



Foto 9: Atividade na sala de instrução.

Posteriormente, as mediadoras perguntavam ao público o que elas gostariam de dizer a essas crianças e entregavam uma folha tamanho A4 diagramada para a criação de um cartão postal.



Fotos 10 e 11: Postais criados pelas crianças.



Foto 12: Turma de alunos apresentando seus cartões postais.

Já para o público adolescente e adulto, as ações educativas se concentravam no Centro de Documentação, em torno das obras de arte.

Primeiramente, o público era convidado a atribuir uma palavra para cada obra individualmente. Terminado este momento, as mediadoras liam as palavras mais recorrentes e explicavam de forma genérica o tema de cada obra para que o público escolhesse três, sobre as quais as mediadoras faziam a leitura das cartas.

Em seguida, era realizado um debate sobre quais os motivos que geram as guerras nos dias atuais e o que pode ser feito para evitá-las.

Em um segundo momento, o público era convidado a criar um cartão postal a partir de recortes de revistas que externalizassem a sua visita ao Centro de Documentação e para que fosse entregue a uma instituição como um convite para virem visitar a exposição.

Por mais diferenciada que fosse a faixa etária do público, todos de alguma forma foram instigados a refletir sobre os bastidores dos conflitos armados, ou seja, sobre a quantidade de pessoas que estão envolvidas e são vítimas das guerras, além da possibilidade de esses fatos acontecerem com qualquer um.



Foto 13: Debate sobre as cartas e obras de arte.

A interação entre as instituições foi promovida pelas trocas de correspondências e atividades extramuros que estimulam a curiosidade dos visitantes em conhecer o acervo do Centro de Documentação da II Guerra Mundial. Um vínculo que se fortaleceu ainda mais a partir da visita e da participação nas ações educativas.

O recurso ao lúdico e à arte oferece novas possibilidades de observação, leitura e interpretação dos bens culturais dentro de uma perspectiva de construção de identidade e exercício da cidadania de forma agradável e envolvente, pois os trabalhos dos artistas estimularam o público a participar dos debates.

As experiências vivenciadas durante as ações educativas abriram novas possibilidades de reflexão, comunicação e socialização garantindo o diálogo entre passado, presente e futuro. Assim, o público saiu do Centro de Documentação com a consciência dos processos que geram os conflitos da sociedade contemporânea (intolerâncias, preconceitos, ganâncias, drogas, miséria) e o quanto cada um está sujeito a essas tristes consequências, dependendo da atitude de cada um para mudar esta realidade.

O grande impacto dessa ação educativa foi o de trazer à tona questões sociais como o tema da violência, por meio da linguagem artística (ferramenta de denúncias) que oportunizou a compreensão do contexto social e cultural dos nossos dias, sensibilizando o público a não permanecer apático e alienado diante das injustiças sociais.

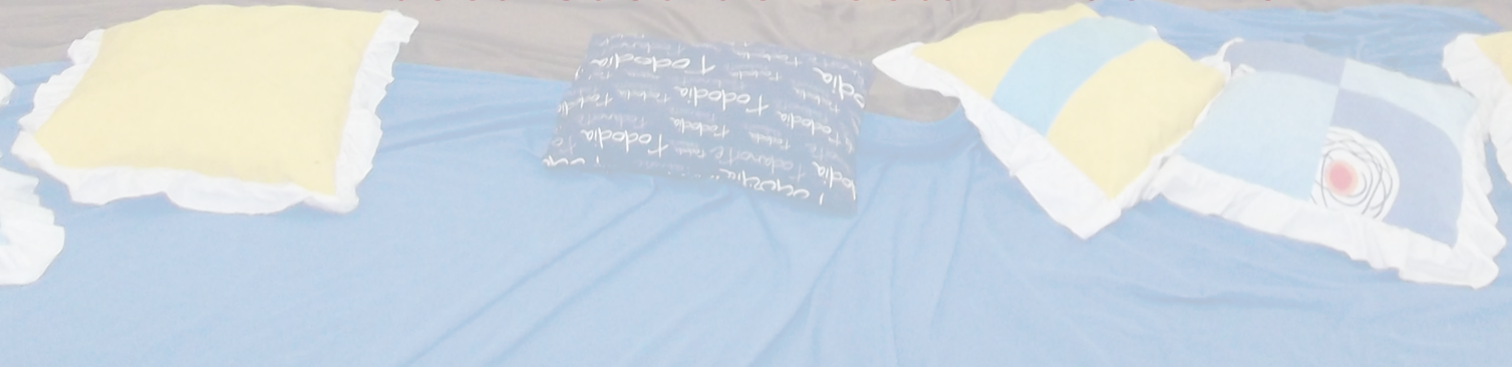
Fonte das imagens apresentadas no artigo: Acervo do Centro de Documentação da II Guerra Mundial Capitã Enfermeira da FEB Altamira Pereira Valadares. Crédito das fotos: Eveline Bergamini Rodrigues.

## Referências bibliográficas

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- BARBOSA, Ana Mae. “Mediação cultural e social”. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- CHIOVATTO, Milene. *Arte +*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2009.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Patrimônio histórico e cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. *Guia básico de educação patrimonial*. Rio de Janeiro: Museu Imperial/Iphan/Minc, 1999.
- JABOR, Bia. *Material de apoio à prática pedagógica: Antônio Dias – Anywhere is my land*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2010.
- MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. *Educação patrimonial: orientações para professores do ensino fundamental e médio*. Caxias do Sul: Maneco Livr.&Ed., 2004.
- PELLEGRINI, Sandra C. A. *O que é patrimônio cultural imaterial*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). *Crianças Invisíveis. Curtas internacionais*, 2004.
- VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente: desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- VYGOTSKY, Lev S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



**Museu Casa do Poeta Lindolf Bell**



# Os pequeninos e a interação patrimonial, material e imaterial: ação educativa "Férias no Museu Casa do Poeta Lindolf Bell"

Sibele Fischer Miguel<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta a atividade “Férias no Museu Casa do Poeta Lindolf Bell”, cuja ideia visou atrair crianças de 2 a 4 anos para conhecerem a história e a obra do poeta, através de uma linguagem apropriada para a faixa etária desde a monitoria até o desenrolar de todo o período de permanência no espaço.

**Palavras-chave:** Museu Casa do Poeta Lindolf Bell; ação educativa; férias no museu; núcleos de educação infantil; contação de histórias.

---

<sup>1</sup> Formada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda, foi coordenadora do grupo de teatro Ministério de Artes da Igreja Remanescentes do Reino de Deus em Timbó-SC durante 3 anos. Há 8 anos atua como Auxiliar do Museu Casa do Poeta Lindolf Bell, coordenando o desenvolvimento das ações educativas como Arte Educadora.



**Foto 1:** Museu Casa do Poeta Lindolf Bell.

A Casa do Poeta Lindolf Bell está instalada na antiga morada do poeta e de seus pais. Foi de interesse do ilustre Lindolf Bell transformar o município de Timbó, sua terra natal, em um lugar conhecido e lembrado pela poesia. Este poeta sempre manifestou-se dizendo: “Vamos transformar Timbó na capital da poesia...”, e “minha casa em um museu”.

Com esta Casa, eleva-se cada vez mais a poesia e a literatura barriga-verde, dando chance e liberdade aos que procuram a palavra-palavra. A Casa do Poeta constitui-se de museu, praça, centro de memória, biblioteca e espaço cultural.

No Museu Casa do Poeta Lindolf Bell está instalado o Centro de Memória Lindolf Bell (CMLB). Nele podemos encontrar documentos como os livros do poeta, recortes de jornais, fotografias, cartas, antigos cadernos etc. Por meio desse material, de depoimentos de amigos e familiares e de livros já publicados a seu respeito, podemos conhecer a sua vida e obra. Como exemplo, temos o livro de Maria Joanna Tonczak que se debruçou sobre o movimento literário Catequese Poética; o livro-reportagem de Helen Francine “*Quixote Catarinense*”, que conta a trajetória do poeta; *Melhores Poemas de Lindolf Bell*, de Péricles

Prade; e *O ser humano e o destino Poético*, de Jovani Antônio dos Santos, que além de descrever como foi proferida a última palestra em Chapecó/SC (1998), traz textos e artigos de jornais e conta rapidamente os principais acontecimentos da trajetória de Lindolf Bell, demonstrando a crença de Bell em que o homem tem um destino poético: “Condição poética e condição humana: mesmas diferenças; mesmas semelhanças... mesma ambiguidade; mesma natureza. A poética da vida – do homem por conseguinte – e a poética da palavra transitam ao mesmo tempo plena” (SANTOS, 2010, p. 37).

Tanto Jovani quanto Helen e Péricles Prade descrevem o contato de Bell com a poesia na infância e na adolescência. A exemplo do poeta, consideramos importante que as crianças desde cedo se encantem pelo mundo da leitura, desfrutem dos bens culturais e se apropriem de ambientes como museus e galerias. Do mesmo modo, é necessário aproximar o público já adulto do museu quebrando barreiras e resistências:

“Todas as classes têm o direito de acesso aos códigos da cultura erudita porque esses são os códigos dominantes – os códigos do poder. É necessário conhecê-los, ser versado neles, mas tais códigos continuarão a ser um conhecimento exterior a não ser que o indivíduo tenha dominado as referências culturais da própria classe social, a porta de entrada para a assimilação do ‘outro’. A mobilidade social depende da inter-relação entre os códigos culturais das diferentes classes sociais (BARBOSA, 1998, p. 15)”.

A monitoria é instrumento de trabalho e, por si só, já é uma ação educativa. A casa, o mobiliário, as obras de arte e os objetos pessoais são documentos que revelam como Bell vivia, o que valorizava e se esforçava para manter. O talento do poeta transmutava a moradia, o jardim e suas memórias em poesia. Visitar a casa é passear pela poesia de Bell: poesia tátil; poesia ótica; poesia olfativa. Mesmo sem ouvir um poema dele, são construídos nesse momento significados e referências que voltarão à mente quando a poesia vier pela forma escrita e oral, trata-se de uma sementeira.

Na ação educativa “Férias no Museu Casa do Poeta Lindolf Bell”, cada creche do município de Timbó recebeu convite, por *e-mail* e telefone, para participar das atividades. Houve, também, divulgação na mídia impressa, para aumentar o interesse dos participantes e para que os pais tomassem conhecimento do passeio que estava sendo promovido.

O projeto contou com o apoio da Fundação Cultural de Timbó e das creches do município. Após agendamento, dez Núcleos de Educação Infantil participaram da ação no período de 24/1/2012 a 10/2/2012.

A ação educativa é formada por três atividades realizadas uma após a outra, e o tempo total de realização é de duas horas para cada turma, sendo atendidas uma turma no período matutino e outra no vespertino. Na primeira etapa, foram utilizadas a visita monitorada, a contação de histórias e a produção de desenhos. Depois de todas as creches serem atendidas, do dia 11 ao dia 21 de fevereiro, na segunda etapa, os desenhos foram organizados e expostos à visitação. Os pais foram previamente convidados pelos seus filhos no final da primeira etapa.



Fotos 2 e 3: Ação educativa “Férias no museu 2012”, núcleos de educação infantil de Timbó/ SC.

A monitoria apresentou a Casa do Poeta Lindolf Bell com riqueza de detalhes. Na medida em que eles andavam pelos corredores e cômodos, explicava-se o que era e como funcionava cada objeto, a história de vida e a obra do poeta, sendo introduzida a ideia de poesia. Tudo foi explicado utilizando termos e comparações de fácil compreensão.



**Fotos 4 e 5:** ação educativa "Férias no museu 2012", núcleos de educação infantil de Timbó/SC.

A contação de histórias pode ser aplicada com crianças, jovens e adultos. Porém, essa ação educativa foi direcionada a crianças em idade pré-escolar, com a faixa etária de 2 a 4 anos. O livro “*O sapo Bocarrão*”, da autora Keith Faulkner, foi cuidadosamente escolhido por Sibeles Fischer Miguel Corrêa, funcionária da Casa do Poeta que faz parte do grupo de contação de Histórias Uni Duni Tê, levando em conta a história apropriada para a faixa etária, as ilustrações e o formato do livro que traz páginas com dobraduras. É preciso estimular a leitura desde cedo de modo lúdico e divertido. Como nos ensina Paulo Freire “é preciso que a leitura seja um ato de amor”.

Para a contação de histórias, o ambiente foi preparado para receber os pequeninos: tecidos e almofadas coloridas foram colocados no chão e na parede. Feitos em E.V.A., vislumbravam-se o cenário e o personagem principal da história “*O Sapo Bocarrão*”, para o qual contamos com a colaboração da Biblioteca Pública Municipal Professor Péricles Prade, que gentilmente emprestou este livro para a ação educativa. Um cubo de madeira foi posicionado entre as crianças



**Foto 6:** ação educativa “Férias no museu 2012”, núcleos de educação infantil de Timbó/SC.

e o cenário para que a contadora de histórias pudesse se sentar e interagir com o público. Antes da leitura, houve uma rápida introdução com apresentações e, ao final, uma conversa sobre a história, seguida de canções infantis. Por último, o passeio na casa foi lembrado.

A última etapa realizada foi o desenho. Pediu-se que cada criança desenhasse o que foi mais significativo. Nesse momento a criança era a protagonista absoluta da ação, registrando tudo o que fosse mais expressivo aos seus olhos: o poeta, o passeio pela casa e os personagens da história infantil, vivendo intensamente o ato de desenhar. O espaço do papel era explorado e, nele, além da figura que poderia ou não ser discernida pelo adulto, ficou um registro do seu desenvolvimento físico e biológico.

A casa, o poeta, o jardim, girassóis, o sapo e demais personagens da história - cada aluno levou consigo um convite para que seus pais conhecessem o museu e prestigiassem a exposição da qual seu desenho fazia parte.

As funcionárias da Casa do Poeta montaram a exposição separando os desenhos por turmas dos Núcleos de Educação Infantil. Novamente houve divulgação por meio do jornal impresso, convidando os pais a prestigiar a exposição e a conhecerem a Casa do Poeta.

A ação realizou uma exposição com os desenhos das crianças, valorizando sua forma de expressão. O momento foi de integração entre os filhos e pais. Por meio desta ação, os pais e os profissionais das creches puderam conhecer o museu e seu homenageado. Com o projeto, crianças e adultos de níveis sociais, escolares e faixas etárias diferentes, puderam experimentar novos conhecimentos e se apoderaram do espaço museal.

O Museu Casa do Poeta Lindolf Bell é um espaço democrático, embora, muitas vezes, os habitantes acabem não aproveitando os locais públicos de sua cidade e as manifestações culturais que acontecem neles. A rotina do dia a dia faz com que as pessoas passem por monumentos sem ler o que está escrito, sem questionar o porquê estão ali, passando por museus e galerias de arte sem nunca entrar. Não saber como se comportar em um ambiente desconhecido pode ser um motivo, além da ideia de museu como local de coisas velhas; os estereótipos acomodam. A ação educativa “Férias na Casa do Poeta” trabalhou com



**Fotos 7, 8 e 9:** ação educativa "Férias no museu 2012", núcleos de educação infantil de Timbó/SC.

crianças de 2 a 4 anos, desejando que, desde pequenas, cresçam frequentando locais culturais como os citados. É preciso conhecer para respeitar e zelar pelos bens culturais, conhecer sua cidade e as pessoas que foram importantes para ela. Lindolf Bell foi um poeta importante para Santa Catarina e para a poesia brasileira com o movimento catequese poética, sendo parte também da história da arte catarinense com a criação da Açú-Açú, a primeira galeria de Arte do estado.

Ficamos imensamente felizes com a participação dos Núcleos de Educação Infantil do município; foram dez NEIs (Núcleos de Educação Infantil) envolvidos, que correspondem a 90% das creches da cidade de Timbó, totalizando 387 crianças participantes. As crianças prestaram muita atenção nas explicações e divertiram-se com a contação de história e o ato de desenhar.

Muitas crianças, posteriormente, acompanharam seus pais na visita ao museu e apresentaram a Casa do Poeta a eles, apontando e falando sobre Lindolf Bell. Conversavam sobre como funcionavam objetos, como a máquina de escrever, manteigueiras e fogão à lenha. Contaram para os pais a história que ouviram. Não foram todos os pais que prestigiaram a exposição, mas os que vieram ficaram encantados com o ambiente da casa e a história do poeta que conheciam superficialmente até aquele momento. Emocionaram-se com as atitudes dos filhos, que fizeram questão de guiá-los pelo museu.

Nossos objetivos foram alcançados, trazendo uma nova geração para o ambiente do museu e um público adulto que, por muitos motivos, acaba não frequentando museus. Mesmo alguns meses depois continuamos recebendo pais que não puderam estar presentes nos dias em que esteve aberta a exposição, assim como professoras das creches que não foram escaladas para participar da ação educativa, mas fizeram questão de visitar a exposição com os desenhos produzidos pelas crianças e conhecerem o museu Casa do Poeta Lindolf Bell.

Fonte das imagens apresentadas no artigo: Arquivo do Museu Casa do Poeta Lindolf Bell. Créditos foto 1: Pilo.

## Referências bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

FAULKNER, Keith. *O sapo Bocarrão*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996.

FRANCINE, Helen. *Quixote catarinense*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2005.

PRADE, Péricles (Org.). *Melhores Poemas Lindolf Bell*. São Paulo: Global Editora, 2009.

SANTOS, Jovani Antônio (Org.). *O ser humano e o destino poético* (edição da última Catequese Poética de Lindolf Bell). Rio de Janeiro: Do Autor, 2010.

TONKZAK, Maria Joanna. *Lindolf Bell e a catequese poética*. Florianópolis: Imprensa Oficial do estado de Santa Catarina, 1978.









ESTE LIVRO FOI COMPOSTO EM MULISH E SOURCE SERIF PRO EM DEZEMBRO DE 2022.